



# As duas propostas da hermenêutica pentecostal em diálogo: a pós-moderna e a histórico-gramatical

*The two proposals of pentecostal hermeneutics in dialogue: the post-modern and the historical-grammatical one*

Luiz Guatura da Silva <sup>[a]</sup> 

Curitiba, PR, Brasil

Faculdade Instituto Bíblico Ebenézer (IBE)

Clóvis Torquato Júnior <sup>[b]</sup> 

Curitiba, PR, Brasil

Faculdade Fidelis

**Como citar:** GUATURA DA SILVA, Luiz; TORQUATO JÚNIOR, Clóvis. As duas propostas da hermenêutica pentecostal em diálogo: a pós-moderna e a histórico-gramatical. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 60-99, jan./abr. 2025. DOI: [doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.DS05](https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.DS05)

## Resumo

O artigo estuda duas vertentes da hermenêutica pentecostal contemporânea: a primeira, a proposta mais recente, classificada como pós-moderna, e denominada “estética da recepção do texto”, em que a experiência pessoal do crente é enfatizada como parte integrante, importante e preponderante no processo interpretativo das Escrituras; a segunda, a visão mais tradicional de interpretação da Bíblia baseada na interpretação da gramática, denominada de “método histórico-gramatical”. Os hermeneutas pós-modernos atacam a hermenêutica tradicional histórico-gramatical como uma tentativa de calvinização do pentecostalismo, enquanto os hermeneutas gramaticistas enfatizam a necessidade de manter-se um certo grau de controle na interpretação da Bíblia, apelando para a forma tradicional com a qual a Bíblia tem sido lida ao longo dos séculos. Metodologicamente foi desenvolvida uma abordagem crítico-comparativa entre a hermenêutica pentecostal tradicional, de base histórico-gramatical, e a hermenêutica pentecostal pós-moderna, fundamentada na estética da recepção do texto, utilizando análise de conteúdo e revisão bibliográfica sistemática para examinar as hermenêuticas histórico-gramatical e estética da recepção no contexto pentecostal;

[a] Doutor em Teologia. Faculdade Instituto Bíblico Ebenézer, e-mail: [guaturarossi@gmail.com](mailto:guaturarossi@gmail.com)

[b] Doutor em Teologia. Doutor em Estudos Literários (UA: em andamento). Faculdade Fidelis, e-mail: [clovistorquatojr@gmail.com](mailto:clovistorquatojr@gmail.com)

adicionalmente, adota-se uma perspectiva histórico-descritiva para contextualizar a evolução dessas hermenêuticas dentro do pentecostalismo. A pesquisa também dialoga com a fenomenologia hermenêutica, avaliando o papel da experiência na interpretação bíblica, especialmente no modelo pós-moderno. A análise focaliza os fundamentos teóricos, metodologias de interpretação e implicações práticas de cada abordagem, destacando suas contribuições e limitações para a teologia e prática pentecostal. Os principais resultados podem ser resumidos em três pontos: primeiro, a hermenêutica pós-moderna, baseada na “estética da recepção do texto” ainda busca a sua aceitação no meio pentecostal, no qual tem recebido duras críticas por, de alguma forma, equiparar ou até colocar a experiência pessoal do crente acima das Escrituras e da doutrina da igreja; segundo, a hermenêutica tradicional, baseada na gramaticidade, tem a seu favor o fato de ser a interpretação histórica da igreja e, mais, aquela que forneceu a base doutrinária não só do pentecostalismo, mas também da própria igreja cristã; terceiro: a hermenêutica pentecostal passou por uma fase pré-crítica, representada pelos primeiros expoentes, como, p. ex., Seymour e Bartleman, uma segunda fase (como indicada por Archer: “a hermenêutica dos primeiros pentecostais”) em que havia uma preocupação técnica com a hermenêutica, em que se adotou o método “histórico-gramatical” na interpretação, e uma terceira fase, em que há uma forte proposta pós-moderna para a hermenêutica baseada na “estética da recepção do texto”. A discussão segue aberta e promete, pelo que parece, perdurar anos.

**Palavras-chave:** Hermenêutica. Método Histórico-Gramatical. Estética da Recepção do Texto. Interpretação Tradicional. Interpretação Pós-Moderna.

## Abstract

*The article examines two strands of contemporary Pentecostal hermeneutics: the first, the most recent proposal, classified as postmodern and called the 'aesthetics of textual reception', which emphasises the personal experience of the believer as an integral, important and predominant part of the process of interpreting Scripture; the second, the more traditional view of biblical interpretation based on grammatical interpretation, called the 'historical-grammatical method'. Postmodern hermeneutics attack traditional historical-grammatical hermeneutics as an attempt to Calvinise Pentecostalism, while grammatical hermeneutics emphasise the need to maintain a degree of control in the interpretation of the Bible, appealing to the traditional way in which the Bible has been read over the centuries. Methodologically, a critical-comparative approach has been developed between traditional Pentecostal hermeneutics with a historical-grammatical basis and postmodern Pentecostal hermeneutics based on the aesthetics of the reception of the text, using content analysis and a systematic bibliographical review to examine historical-grammatical and aesthetic hermeneutics of reception in the Pentecostal context, and a historical-descriptive perspective to contextualise the development of these hermeneutics within Pentecostalism. The research also engages with hermeneutic phenomenology, evaluating the role of experience in biblical interpretation, especially in the postmodern model. The analysis focuses on the theoretical foundations, interpretive methods and practical implications of each approach, highlighting their contributions and limitations for Pentecostal theology and practice. The main findings can be summarised in three points: First, postmodern hermeneutics based on the "aesthetics of textual reception" is still seeking acceptance in the Pentecostal milieu, where it has been severely criticised for somehow equating or even placing the personal experience of the believer above Scripture and Church teaching; secondly, traditional hermeneutics, based on grammaticality, has in its favour the fact that it is the historical interpretation of the church and, moreover, the one that has provided the doctrinal basis not only of Pentecostalism but of the Christian church itself; thirdly: Pentecostal hermeneutics went through a pre-critical phase, represented by the first exponents, such as Seymour and Bartleman; a second phase (as indicated by Archer: 'the hermeneutics of the first Pentecostals'), in which there was a technical concern with hermeneutics, in which the 'historical-grammatical' method of interpretation was adopted; and a third phase, in which there is a strong postmodern proposal for hermeneutics based on the 'aesthetics of the reception of the text'. The debate is still open and is likely to continue for years to come.*

**Keywords:** Hermeneutics. Historical-Grammatical Method. Aesthetics of Textual Reception. Traditional Interpretation. Postmodern Interpretation.

## Introdução

A hermenêutica é, na leitura dos textos, tanto quanto, ou até quase mais importante que o próprio texto, pois é dela, a leitura, provida de uma hermenêutica, que o texto surge como um mundo a ser explorado. Não é a questão, aqui, de discutir a teoria do texto, mas apenas reconhecer que o texto sem uma leitura simplesmente não acontece no mundo. O texto foi, num primeiro momento, produzido, e para que faça sentido, precisa ser, num segundo momento, lido. É esta leitura, ou melhor, as concepções desta leitura que esse artigo procura estudar com referência à Bíblia na perspectiva pentecostal: a hermenêutica pentecostal.<sup>1</sup>

Dois grandes grupos dividem, hoje, a proposta do que seria uma hermenêutica pentecostal: a) Um grupo mais alinhado à tradição histórica de interpretação das Escrituras defende a aplicação rigorosa do método histórico-gramatical. Esse método mantém continuidade com a hermenêutica cristã clássica e remonta, inclusive, a Aristóteles e seus predecessores. Seu princípio central é garantir uma leitura disciplinada, preservando a intenção original do autor, a estrutura do texto e a mensagem nele contida; b) Outro grupo, influenciado pelas teorias da estética da recepção e pelas abordagens pós-modernas, enfatiza o papel ativo e transformador do leitor na interpretação dos textos, incluindo as Escrituras. Para esses intérpretes, o significado não está apenas no texto, mas é construído na interação entre o leitor e a mensagem.

O debate entre os dois principais grupos de teóricos do pentecostalismo – os adeptos da interpretação histórico-gramatical e os defensores da abordagem pós-moderna – gira em torno do papel da experiência pessoal e coletiva no processo interpretativo das Escrituras. Enquanto o primeiro grupo busca minimizar a influência do intérprete, restringindo os condicionamentos subjetivos na hermenêutica, o segundo enfatiza a experiência do leitor como um elemento central e indispensável na construção do significado do texto bíblico.

Os pressupostos de cada grupo são distintos. O grupo que defende a interpretação histórico-gramatical tem suas bases hermenêuticas num período que pode ser classificado de pré-crítico, isto é, anterior ao Iluminismo, sendo a hermenêutica desde os Pais da Igreja até os Reformadores e pouco depois deles. O termo “pré-crítico” não significa, aqui, ausência de pensamento inteligente, mas significa a aceitação de que o texto bíblico é uma verdade divina, revelada e inspirada, cujo texto das escrituras transmite tal verdade, que foi codificada como verdade, cuja verdade pode ser acessada pela leitura gramatical, sem a interferência do leitor; isto quer dizer que há uma mensagem no texto, essa mensagem foi objetivamente codificada através de uma linguagem revelada e inspirada, que preservou exatamente o que Deus queria dizer com cada palavra e sintaxe do texto das Escrituras, sendo possível ao leitor acessar tal conteúdo. Isto tudo leva a colocar toda a ênfase hermenêutica no texto, e minimizar o papel do leitor, ou talvez, enfatizar que o papel do leitor é extrair do texto a mensagem nem codificada por Deus, através da Revelação e Inspiração.

Já, os pressupostos do grupo que defende a interpretação centrada na estética da recepção defendem a ruptura desse modelo, anterior ao Iluminismo, quanto a essas certezas contidas no texto que desconsideram o papel ativo do leitor na construção do significado. A leitura, dizem estes, não é apenas uma ação de extrair sentidos objetivos codificados num texto, sem a interferência dos leitores, mas é, antes e contrariamente a isto, justamente a participação ativa do leitor na construção do significado, interferindo e influenciando com a sua experiência a construção do significado do texto, isto é, o texto não tem um significado estático, mas dinâmico, centrado na vida do leitor.

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma um trecho da Tese Doutoral do autor, Luiz Guatura Neto, com modificações em parceria com o coautor, Clóvis Torquato Jr.

## Métodos hermenêuticos baseados na estética da recepção como *locus* da experiência pessoal – uma aproximação hermenêutica pós-moderna

A hermenêutica pertence ao campo da filosofia, e não da teologia, estando, portanto, fora do escopo teológico como disciplina independente. A teologia, por sua vez, faz uso da hermenêutica, podendo ser compreendida como uma aplicação hermenêutica voltada para o fenômeno religioso em seus diversos aspectos. Assim, ao se tratar de hermenêutica pentecostal, está-se lidando com um campo filosófico, submetido a diferentes concepções filosóficas.

Na aplicação da hermenêutica à teologia, destacam-se hoje dois grandes campos interpretativos, ainda que suas fronteiras nem sempre sejam bem definidas. De um lado, a hermenêutica histórico-gramatical, herdeira das tradições interpretativas do cristianismo; de outro, a hermenêutica histórico-crítica, oriunda das correntes filosóficas desenvolvidas a partir do Iluminismo. Nesse cenário, dominado por essas duas grandes abordagens, tem emergido nas últimas décadas a hermenêutica pentecostal pós-moderna. Em busca de validação em um campo marcado por metodologias consolidadas e rigorosas, essa nova proposta procura estabelecer a experiência pessoal como critério hermenêutico legítimo, colocando-se em confronto direto com as abordagens tradicionais de estudo do fenômeno religioso.

A hermenêutica pentecostal pós-moderna pode ser entendida como uma vertente específica dentro do campo geral da hermenêutica bíblica. Ela se distingue radicalmente da hermenêutica histórico-crítica e, embora compartilhe alguns princípios com a hermenêutica histórico-gramatical, sua principal característica a torna incompatível com esta última: a centralidade da experiência pessoal no processo interpretativo das Escrituras. Para a hermenêutica pentecostal pós-moderna, a experiência não é um elemento secundário ou acessório, mas ocupa um papel primário e indispensável na interpretação, sendo considerada necessária e legítima, e não uma interferência indesejada ou dispensável.

Essa ênfase na experiência pessoal faz com que a hermenêutica pentecostal pós-moderna se torne uma espécie de "ilha" dentro do campo hermenêutico bíblico, gerando desconfiança tanto entre os adeptos da hermenêutica histórico-crítica quanto entre os defensores da hermenêutica histórico-gramatical. No primeiro caso, a afirmação de que a Bíblia é a Palavra de Deus inerrante, infalível, autoritária, eterna, suficiente, inspirada e revelada limita a interpretação livre e histórica dos textos, restringindo a aplicação de métodos históricos, sociais e arqueológicos amplamente utilizados em outras disciplinas. No segundo caso, a hermenêutica histórico-gramatical rejeita a experiência pessoal como critério válido para a exegese, pois parte do princípio de que quanto menor a interferência do intérprete, mais fiel será a compreensão do texto.

Grande parte do debate em torno da hermenêutica pentecostal pós-moderna gira, portanto, em torno da tentativa de justificar e legitimar o papel da experiência pessoal como um fator positivo e necessário no processo interpretativo das Escrituras.

Atualmente, nenhuma ciência, seja humana ou natural, defende a completa ausência da interferência do sujeito cognoscente no processo de conhecimento. Entretanto, embora reconheçam essa influência, essas mesmas ciências trabalham para mitigá-la, defini-la e controlá-la tanto quanto possível. O objetivo é reduzir ao máximo o impacto dos pressupostos, condicionamentos e idiosincrasias pessoais sobre as pesquisas e seus resultados. Para isso, utilizam-se estratégias como a definição de um método claro, a explicitação de pressupostos, a identificação do pesquisador e a aplicação rigorosa dos mecanismos operacionais do método.

O fundamento dessa abordagem é garantir a reprodutibilidade dos métodos e a padronização dos resultados em condições semelhantes. Em termos práticos, isso ocorre em três etapas:<sup>2</sup> a) a descrição do método

---

<sup>2</sup> Tudo isto levando em conta o meio através do qual o conhecimento é expresso: o aparelho conceitual da linguagem (mesmo que linguagem matemática), que impossibilita, de imediato, a objetividade de qualquer conhecimento, pela introdução, no conhecimento, do fator subjetivo da linguagem, conforme explica Schaff: "Do mesmo modo, aqui, a questão 'o que é o fato histórico?' não é específica da história, nem das ciências sociais em geral. Esta questão surgiu muito mais cedo no domínio das ciências

assegura que ele possa ser reproduzido por outros pesquisadores; b) a reprodutibilidade do método permite a padronização dos resultados, mesmo que não sejam idênticos; c) a padronização dos resultados viabiliza discussões sobre diferenças de experimentos e interpretações, baseadas em premissas metodológicas verificáveis.

A hermenêutica pentecostal, no entanto, adota um caminho oposto ao que as ciências humanas tradicionalmente seguem. Em vez de buscar limitar a interferência do sujeito cognoscente, ela coloca no centro do processo interpretativo o papel livre e pessoal do intérprete como fator legitimador do conhecimento. Esse deslocamento leva a hermenêutica pentecostal a um posicionamento antagônico em relação às ciências humanas, resultando em um esforço contínuo para definir, justificar, qualificar e validar seus próprios princípios hermenêuticos.

A experiência pessoal, quando considerada um “fato histórico”, torna-se um elemento paradoxal dentro das questões metodológicas. Ela se configura como um fator metodológico que, por sua própria natureza, escapa aos critérios tradicionais de validação científica: não pode ser descrita de forma que permita sua reprodução, não pode ser controlada, nem repetida de maneira verificável. Sua subjetividade a torna um componente incontrolável no processo do conhecimento.

Diferentemente de fenômenos passíveis de experimentação repetida, as experiências pessoais, assim como os eventos históricos e sociais, são essencialmente irrepitíveis. No máximo, podem ser traduzidas em narrativas, mas não reproduzidas em condições idênticas. Essa impossibilidade compromete a reprodutibilidade do método e a padronização dos resultados, elementos fundamentais para a validação do conhecimento em qualquer disciplina científica. Assim, por sua própria natureza, a experiência pessoal se mantém única, irreversível e irrepitível, características inerentes aos eventos históricos.<sup>3</sup> Os teóricos da

---

naturais, trazendo com ela toda a bagagem do papel do fator subjetivo. Os primeiros a colocá-la em termos muito rigorosos foram os convencionalistas da escola francesa, sendo a mais significativa a geração Boutroux-Poincaré-Duhem-Le Roy. Partindo do problema do papel da linguagem (o aparelho conceitual), da definição e da teoria no desenvolvimento das ciências, estes pensadores (em particular F. Le Roy) acabam pondo em dúvida a 'autonomia' e a 'soberania' do fato científico, inclusive do fato dito 'bruto', ou seja, o fato que não está inserido em nenhuma teoria. Quaisquer que possam ser as deformações do convencionalismo, sobretudo em direção ao subjetivismo, o seu mérito incontestável é o de ter explicitado o problema do papel do aparelho conceitual na construção da ciência, em particular na percepção e na elaboração dos fatos ditos científicos.” SCHAFF, *História e Verdade*, p. 206-207.

<sup>3</sup> Vale a pena ver a opinião de grandes teóricos do fenômeno histórico sobre o “fato histórico”: Glénisson diz: “Desde que a história pretendeu, quando não igualar-se às ciências da natureza, ao menos tomar o seu lugar entre as disciplinas científicas, achou-se ela, sem dúvida alguma, diante da necessidade de dar precisão à noção de 'fato histórico'. Não repousam a física e a química, cuja segurança ela admirava e invejava, em dados reais da experiência? 'Os fatos são a única realidade que possa dar a fórmula à idéia experimental e, ao mesmo tempo, servir-lhe de controle...' Mas não precisamos levar muito longe a comparação, para nos certificarmos da dificuldade de assimilar os fatos estudados pelos físicos e químicos, aos que são tradicionalmente da competência do historiador. A distinção tornou-se de tal forma banal, que temos até acanhamento em enunciá-la. O fato científico é susceptível de repetição. Esta repetição permite formular leis, estabelecer constantes. Abordando-se, ao contrário, os fatos históricos, sentimos estar diante de fenômenos irreversíveis.” GLÉNISSON, *Iniciação aos Estudos Históricos*, p. 124. E diz ainda: “Deveras, o que se entende comumente por 'fatos históricos', são os fenômenos materiais, as coisas que aconteceram aos homens: os acontecimentos. Ora, estes são dificilmente previsíveis, jamais idênticos em seus detalhes e de importância infinitamente variada: acontece-lhes afetar todos os homens, mas porém, também, reduzir-se a um simples gesto, a uma palavra. São estritamente localizados no tempo e no espaço e, se muitas vezes o homem é seu autor consciente, com muito maior frequência é ele sua vítima ou seu beneficiário involuntário. De qualquer forma, ninguém pensaria em reproduzi-los num laboratório, ou em controlá-los experimentalmente. Como reconstruir, a não ser pelo espírito – com todos os inconvenientes e imperfeições daí decorrentes – as condições únicas num tempo irreversível que cercaram e provocaram o nascimento de um fato, enquanto, ao contrário, toda nossa experiência nos prova que, à distância de séculos e sendo 'todas as coisas iguais', é possível conjecturarmos sem qualquer risco acerca da ação de um corpo químico sobre outro corpo? Admitindo-se a reunião dos mesmos atores, a reconstituição das mesmas circunstâncias, como ousar predizer que, em qualquer momento, o fato reproduzido se desenrolaria de maneira idêntica ao seu modelo? Na medida que o acontecimento tem sua fonte na psicologia do homem e age sobre esta, o experimentador se encontraria à mercê de todas as surpresas. Somente o detetive genial dos romances policiais prevê sem erros as reações exatas dos suspeitos, procedendo à reconstituição do crime. Nossos conhecimentos atuais nos impossibilitam acalentar esperanças semelhantes. Assimilado ao acontecimento, então o fato histórico surge como marcado pela unicidade. Excluído de qualquer repetição, revela-se como elemento motor da história, como fator de transformação.” GLÉNISSON, *Iniciação aos Estudos Históricos*, p. 124-125. BASSELAAR, *Introdução aos estudos históricos*, p. 260 diz: “Ao lidarmos com 'fatos históricos', deparamo-nos com certas dificuldades especiais, desconhecidas do matemático e do físico. O homem vive no tempo, e o tempo é fator irreversível. A água ao ficar exposta por certo

hermenêutica pentecostal, no entanto, parecem não atribuir a essa característica da experiência pessoal — sua irrepetibilidade e subjetividade — o peso metodológico que ela possui em outras ciências. Em vez de vê-la como um fator limitador da validação do conhecimento, eles buscam novas formas de interpretar sua aplicação no processo hermenêutico. Para esses teóricos, a experiência não representa um problema metodológico, mas um elemento positivo e impulsionador da teologia pentecostal.

Nesse sentido, a experiência pessoal não é apenas aceita, mas reivindicada como um componente central da interpretação bíblica. Ela se torna um fator determinante na construção do conhecimento teológico, operando não como um desvio, mas como uma ampliação do método hermenêutico tradicional.

A experiência pessoal-pentecostal constitui o ponto de partida da teologia pentecostal pós-moderna. Como destaca Albano, essa experiência não é apenas um complemento ao método hermenêutico, mas o eixo central a partir do qual a interpretação bíblica se desenvolve. Ele argumenta que “A teologia pentecostal assembleiana não procede de alguma grande personagem teológica como o luteranismo (Martin Lutero), calvinismo (João Calvino), e os menonitas wesleianos (John Wesley), mas provém prioritariamente de experiências espirituais avivacionistas. Certamente, a experiência com o poder do Espírito Santo é central para a teologia pentecostal.”<sup>4</sup> No contexto da experiência pentecostal, ocorre uma inversão na hierarquia tradicional entre doutrina e vivência espiritual. Os conceitos abstratos dos dogmas e das declarações doutrinárias, fundamentais na estruturação do cristianismo tradicional, tornam-se secundários diante da experiência direta com o Espírito. Em outras palavras, a vivência espiritual assume um papel central, sendo considerada mais essencial do que o conhecimento teológico sistematizado. Assim, os cânones doutrinários, que são indispensáveis no cristianismo tradicional, são relativizados ou até substituídos pelos cânones da experiência espiritual. Essa abordagem subjetiva da fé confere à experiência pentecostal um status hermenêutico próprio, o que Albano explica detalhadamente ao afirmar que:

Sendo assim, enquanto que a autoridade religiosa do protestantismo fundamenta-se na revelação contida na Bíblia, sendo aceitos como princípio universais que devem ser corretamente interpretados pelos especialistas das igrejas (teólogos), no pentecostalismo a autoridade religiosa está embasa (além da Bíblia) na experiência particular do crente, no ser “cheio do Espírito”.<sup>5</sup>

Isso coloca a experiência pentecostal em uma posição superior à doutrina, o que contrasta diretamente com as teologias tradicionais, nas quais a experiência pessoal está subordinada à doutrina. Nesse sentido, a teologia tradicional e a pentecostal ocupam polos opostos na forma como dimensionam o lugar da doutrina e da experiência pessoal do cristão. Pommerening, ao analisar o movimento pentecostal, ressalta essa distinção ao observar que, dentro desse movimento, a teologia deve estar submissa à experiência com o Espírito Santo, refletindo uma inversão na ordem tradicional entre conhecimento teológico e vivência espiritual:

A experiência com o Espírito Santo deveria permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito. Esta experiência não pode ser produzida artificialmente, a não ser pelo Espírito, mas pode ser desejada e intensamente buscada. Não precisa ser necessariamente o batismo no Espírito Santo ou falar em línguas, se

---

tempo a uma temperatura abaixo de zero grau, transforma-se em gelo: o fato físico é um conjunto de fenômenos bem discerníveis e unívocos, tão estreitamente ligados entre si, que se prestam a uma repetição praticamente idêntica em qualquer momento. Ora, tais fatos não existem na história: os atos humanos do passado, que ela estuda, são únicos. (...) No ato físico o tempo é um conceito abstrato e quantitativo; o tempo histórico, porém, é concreto e qualitativo; o tempo físico compõe-se de momentos homogêneos, o tempo histórico, de situações heterogêneas. Por isso os atos históricos são irrepetíveis.”

<sup>4</sup> ALBANO, F. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paul Tillich*, p. 41-42.

<sup>5</sup> ALBANO, F. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paul Tillich*, p. 42.

bem que estas são experiências fundantes do pentecostalismo, mas devem ser a devoção e a intimidade com a vida do Espírito.<sup>6</sup>

A teologia pentecostal e, conseqüentemente, a hermenêutica pentecostal, não se fundamentam em um sistema cognitivo estruturado de ensinamentos, mas sim na experiência pessoal que cada cristão vivencia com o Espírito Santo. Albano conclui que essa experiência é o eixo central que orienta a interpretação bíblica e a construção teológica pentecostal, priorizando a vivência espiritual sobre a sistematização doutrinária tradicional, ele diz: “mais do que um sistema teológico abstrato, o pentecostalismo é uma espiritualidade embasada na experiência religiosa.”<sup>7</sup> Da mesma forma, Cox afirma, citando um estudioso evangélico pentecostal, que “a experiência de Deus tem absoluta primazia sobre o dogma e a doutrina”:

Como teólogo acostumei-me a estudar movimentos religiosos através da leitura do que seus teólogos escreveram e tentar extrair daí as ideias centrais e as doutrinas mais importantes. Mas logo percebi que com o pentecostalismo essa aproximação não ajudava muito. Como um perito pentecostal bem colocou, em sua fé “a experiência com Deus tem absoluta primazia sobre o dogma e a doutrina”. Portanto a única teologia que dá conta desta experiência, ele disse, é “a teologia narrativa cuja expressão central é o testemunho”. Eu penso que ele está certo.<sup>8</sup>

Albano define a experiência dentro do pentecostalismo como a interseção entre a narrativa bíblica e a vivência contemporânea do crente. De um lado, há as experiências registradas nas Escrituras, como o Pentecostes de Atos 2, que não apenas podem, mas devem ser reproduzidas na vida dos cristãos hoje. Do outro lado, há a experiência específica do batismo no Espírito Santo, evidenciada pelo falar em línguas, que se torna um marco essencial na espiritualidade pentecostal. Assim, para Albano, a experiência pentecostal é simultaneamente bíblica e contemporânea, histórica e renovável, individual e comunitária, sendo um elemento definidor da identidade teológica pentecostal: “Portanto, pode-se definir a experiência religiosa em perspectiva pentecostal, como eventos específicos na vida do indivíduo, em que se atribui ao Espírito Santo importante papel tendo a Bíblia como apoio e critério de discernimento.”<sup>9</sup>

O que realmente distingue o cristianismo pentecostal do cristianismo tradicional é a primazia dada à experiência direta com Deus, particularmente expressa na doutrina do batismo no Espírito Santo, evidenciada pelo falar em línguas. O cristianismo, em todas as suas vertentes, é fundamentalmente uma religião de encontros e relacionamentos com Deus, o que é claramente evidenciado nas Escrituras. Desde o Pentateuco até os Evangelhos e Atos, as narrativas bíblicas são essencialmente histórias de experiências vividas por pessoas com Deus. Cada parte da Bíblia reflete uma dimensão experiencial da fé cristã: as narrativas históricas e os livros poéticos/ sapienciais refletem encontros com Deus; os livros proféticos são oráculos resultantes desses encontros, e as epístolas do Novo Testamento são, por sua vez, frutos da experiência com o Espírito Santo.

Os grandes dogmas e confissões de fé do cristianismo, como a salvação e o perdão dos pecados, também se baseiam em experiências com Deus, sendo explicações teóricas dessas vivências. Embora toda a fé cristã seja, em essência, fundamentada em uma experiência pessoal com Deus, no cristianismo pentecostal, a experiência é colocada em um lugar proeminente. Em contraste, no cristianismo tradicional, esse espaço é preenchido por dogmas e doutrinas, que, embora também reconheçam a importância do aspecto relacional da fé, tratam mais da compreensão intelectual da relação com Deus, sem desconsiderar, claro, a experiência de fé.

<sup>6</sup> POMMERENING, C. I. Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST*. São Leopoldo, EST, 2014, v. 2, p. 459-472, p. 466. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/download/249/214>

<sup>7</sup> ALBANO, F. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paul Tillich*, p. 43.

<sup>8</sup> Harvey Cox, *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-First Century* (New York: Addison-Wesley Publishing Co., 1995), p. 71; Apud: JACOBSON, D. G. *Thinking in the Spirit; the theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington, Indiana University Press, 2003, p. 6.

<sup>9</sup> ALBANO, F. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paul Tillich*, p. 42.

Esse projeto de colocar a experiência no lugar hermenêutico interpretativo, em que o método histórico-gramatical ocupa para a teologia tradicional e parte do pentecostalismo, é justamente o cerne da hermenêutica pentecostal pós-moderna. Terra e Oliveira resumem essa proposta ao destacar que a experiência pessoal não deve ser vista apenas como uma forma de vivenciar e aplicar as Escrituras, mas como um elemento central, indispensável e determinante no processo interpretativo. Para eles, a experiência com o Espírito Santo se torna o ponto de partida e o critério mais importante para a leitura e compreensão das Escrituras. Ao invés de relegar a experiência a um plano secundário, a hermenêutica pentecostal pós-moderna a coloca no centro da exegese, buscando um método em que o contexto subjetivo do crente seja, de fato, um elemento validante na interpretação do texto bíblico.

Neste modelo, a experiência pessoal com Deus não apenas ilumina o texto, mas se torna parte integrante do processo interpretativo, desafiando a primazia dada a métodos mais objetivos ou distantes do envolvimento experiencial com a Palavra. Em termos práticos, isso significa que a vivência do crente com o Espírito Santo se torna uma lente interpretativa que confere à leitura das Escrituras um caráter dinâmico e profundamente pessoal, algo que se opõe ao distanciamento da interpretação mais técnica e sistemática adotada pela hermenêutica tradicional, Terra e Oliveira explicam:

*Interpretando a Bíblia a partir do Espírito* é uma obra prodigiosa, pois tem a coragem de repensar o lugar da experiência e seu valor para a vida cristã, bem como para a reflexão e produção teológicas.<sup>10</sup>

Por outro lado, o texto apresentado propõe um discurso teológico que privilegia a experiência como lugar central da tradição teológica pentecostal. Entendemos que as demais propostas teológicas produzidas na literatura brasileira, mesmo aquelas escritas por pentecostais, ainda seguem, em vários níveis, caminhos metodológicos e referenciais teóricos tipicamente modernos, o que não permitia afirmarmos ser teologia pentecostal. Podemos chamá-las de teologias produzidas por pentecostais, mas ainda dependentes das hermenêuticas e propostas dogmáticas que não levam até às últimas consequências a importância da experiência. Nesse sentido, não entendemos por teologia pentecostal simplesmente uma pneumatologia, mas a discussão desde as questões mais básicas da fé cristã até às metodologias teológicas, priorizando o saber intuitivo, performático, poético, pneumático, extático, em suma, experiencial. Essa proposta, então, valoriza o rompimento com o paradigma racionalista do sujeito moderno que reduziu o saber a um caminho de verificação científico-tecnocêntrico e desvalorizou outras possibilidades de acesso à realidade e construção teológica.<sup>11</sup>

Terra e Oliveira têm em vista dois propósitos centrais ao defender a hermenêutica pentecostal pós-moderna. O primeiro é **ressignificar a experiência pessoal** como elemento fundamental no processo interpretativo, sublinhando que a vivência direta do crente com o Espírito Santo deve ser um critério interpretativo válido e essencial, não apenas um complemento ou aplicação das Escrituras, mas o próprio ponto de partida para a compreensão do texto. Em outras palavras, a experiência com o Espírito se torna a lente através da qual se deve olhar o texto bíblico, desafiando a primazia da análise estritamente gramatical e histórica do texto.

O segundo propósito é **romper com o paradigma racionalista e tecnocêntrico** do sujeito moderno, que, na visão dos autores, reduziu o saber àquilo que pode ser verificado de maneira científica e objetiva, distantes da experiência subjetiva e relacional com Deus. Essa ruptura busca afirmar que a compreensão da Bíblia não pode ser limitada apenas ao que é cientificamente verificável ou objetivamente comprovado, mas deve incluir o componente subjetivo e experiencial, que, para o pentecostalismo, é essencial. A proposta é deslocar o foco do racionalismo cartesiano para uma abordagem mais integral, onde a experiência vivida, pessoal e transformadora do crente com o Espírito Santo se torna um modo legítimo de acessar e interpretar as Escrituras.

<sup>10</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 7.

<sup>11</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 11-12

Essa mudança radical, portanto, não é apenas um ajuste no método hermenêutico, mas uma transformação profunda no entendimento de como a teologia pentecostal deve se relacionar com o texto bíblico, desafiando a visão moderna que ainda domina grande parte da exegese tradicional, eles escrevem: “Duas questões nos preocupam quanto à produção teológica pentecostal no Brasil. A primeira é o risco de as teologias protestantes estabelecidas se tornarem o único ou o melhor caminho para a sistematização teológica pentecostal; a segunda, decorrente da primeira, é a calvinização do pentecostalismo”.<sup>12</sup> Para isto, os autores sugerem que a experiência esteja no centro hermenêutico do fazer teológico pentecostal:

Nosso texto fará ensaios seguindo o interesse de construir uma identidade teológica pentecostal, o que exige uma releitura da história, uma proposta hermenêutica e uma articulação *na e para* a experiência. O objetivo é caracterizar o êxtase pentecostal e a sua importância no procedimento hermenêutico. Para isso, à luz da história da interpretação, apresentaremos como o fiel pentecostal lê o texto bíblico, cujas experiências extáticas servem como lugar de reconhecimento da experiência no texto e determinam tanto sua visão de mundo como sua perspectiva teológica.<sup>13</sup>

A proposta de hermenêutica pentecostal pós-moderna realmente coloca em destaque a experiência subjetiva do leitor, incluindo momentos de êxtase espiritual e experiências diretas com o Espírito Santo, como instrumentos principais na interpretação das Escrituras. Essa abordagem visa a superação do modelo histórico-gramatical, que é centrado na análise objetiva do texto e na interpretação através de suas regras gramaticais e contextuais, em favor de uma compreensão mais vivencial e relacional com Deus. Para os defensores dessa linha, a experiência se torna um critério central na leitura e aplicação das Escrituras, validando uma interpretação mais íntima e subjetiva, em vez de uma exegese que busca uma interpretação “objetiva” e técnica do texto.

É importante destacar que essa visão não surgiu de forma imediata ou espontânea dentro do pentecostalismo, mas foi um movimento gradual que, com o tempo, foi desafiando os métodos mais tradicionais de interpretação. Como você bem observou, essa compreensão não sempre esteve presente no horizonte da hermenêutica pentecostal, e muitos dentro do movimento ainda veem com ceticismo ou até com resistência a ideia de que a experiência subjetiva e emocional de um indivíduo possa ser considerada uma forma válida de interpretar as Escrituras. Isso ocorre, principalmente, devido à ênfase que as tradições pentecostais mais conservadoras colocam na pureza doutrinária e no método histórico-gramatical, que buscam garantir que a Bíblia seja interpretada de forma mais racional e objetiva.

As críticas ao modelo pós-moderno de hermenêutica pentecostal provêm de vários setores dentro do movimento. Muitos pentecostais tradicionais argumentam que a ênfase na experiência pessoal pode levar a subjetivismos perigosos, onde as interpretações dos textos podem ser distorcidas pela vontade ou emoções do leitor, sem um fundamento sólido nas Escrituras. Além disso, há uma preocupação com a possível relativização das doutrinas centrais da fé, quando a experiência subjetiva se torna o critério principal para a interpretação teológica.

Esse conflito interno dentro do pentecostalismo reflete a tensão entre duas visões muito diferentes de como a verdade bíblica deve ser acessada e vivida: por um lado, uma abordagem mais racional e sistemática, e, por outro, uma abordagem experiencial e relacional, que, para muitos pentecostais, é vista como uma forma mais autêntica e direta de se conectar com Deus.<sup>14</sup>

Uma visão histórica dos modelos hermenêuticos no pentecostalismo, como mencionados, pode ser de fato uma excelente abordagem para compreender a proposta pós-moderna atual de uma parte do movimento, além de ajudar a identificar as mudanças e transformações na maneira como a Bíblia tem sido interpretada ao longo do

---

<sup>12</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 12.

<sup>13</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 13.

<sup>14</sup> Acima foi exposto o postulado do método histórico-gramatical de interpretação das Escrituras, em grande parte assumido pelos pentecostais, e abaixo, depois da exposição do modelo pós-moderno de hermenêutica proposto aqui, serão apresentadas as críticas a este modelo. Isto mostra o quão a discussão da hermenêutica está aberta no meio pentecostal.

tempo dentro deste contexto. Os estudos históricos do pentecostalismo ajudam a destacar como a hermenêutica pentecostal evoluiu de uma abordagem tradicional para uma mais subjetiva e experiencial, culminando na proposta pós-moderna que enfatiza a experiência pessoal como central na interpretação das Escrituras.

Três grandes estudiosos que ajudaram a estruturar esses esboços históricos do pentecostalismo, e que são frequentemente referenciados em muitos trabalhos sobre o tema, seguem abaixo.

Archer<sup>15</sup> propôs um estudo dividido em *duas* grandes áreas do movimento hermenêutico do pentecostalismo: a *primeira*, que ele chamou de “a hermenêutica dos primeiros pentecostais”,<sup>16</sup> no qual ele apresenta uma perspectiva mais fundamentalista de interpretação da Bíblia, influenciada, num primeiro momento, em grande parte pelas publicações da Revista *The Fundamentals' A Testimony of the Truth*, também baseada na teoria da inspiração verbal de Warfield,<sup>17</sup> cuja verdade das Escrituras é sobressaltada e validada, *a priori*, em face desta teoria de inspiração; a leitura dos pentecostais passou por alguns métodos, como a leitura pré-crítica<sup>18</sup> das Escrituras baseada numa tradição reformada: calvinistas, batistas e dispensacionalistas; num segundo momento, uma leitura segundo o método sintético,<sup>19</sup> com uma ênfase mais racionalista, literalista e indutiva de leitura das Escrituras; e, finalmente, num terceiro momento, uma leitura mais racionalista<sup>20</sup> das Escrituras, que procurava adaptar o cristianismo protestante tradicional às modernas concepções de história, ciência e sociedade. A *segunda*, que ele chamou de “filtro hermenêutico”,<sup>21</sup> em que ele apresenta as propostas pós-modernas de hermenêutica e sugere que a teologia narrativa é a que mais dá conta de expressar uma teologia baseada numa hermenêutica que privilegia o lugar da experiência no fazer hermenêutico.

Kärkkäinen<sup>22</sup> apresenta a história da hermenêutica pentecostal, num capítulo intitulado *Hermenêutica: do fundamentalismo ao pós-modernismo*, dividida em quatro fases: a primeira, que ele chamou de uma fase *Oral, espiritualidade carismática na primitiva leitura pentecostal da Bíblia*, que consistia basicamente de uma “espiritualidade carismática e de sabor escatológico [que] está no cerne da Fenômeno pentecostal e, portanto, de sua leitura bíblica.”<sup>23</sup> Neste estágio era praticada uma leitura pré-reflexiva e menos crítica da Bíblia. A segunda, que ele chamou de *Um movimento em direção ao fundamentalismo e à aliança com o evangelicalismo*, marcada por uma leitura fundamentalista e dispensacionalista ao modelo do evangelicalismo do Século XX. A terceira, que ele chamou de *Rumo a uma hermenêutica “pneumática” pentecostal distinta*, influenciados por Howard M. Ervin, que propôs uma “exegese penmática”, na qual os pentecostais estão procurando o que os caracteriza em distinção com outras correntes teológico-hermenêuticas, como, p. ex., o calvinismo. E a quarta fase, que ele chamou de *A promessa e a problemática de um paradigma pós-moderno emergente*, na qual ele identifica a importância e a utilidade das concepções pós-modernas para interpretar, principalmente, a vida, ele escreve:

Pós-modernismo não significa tanto uma crítica à razão e à racionalidade em si. Em vez disso, ele rejeita a hegemonia do racionalismo como a única maneira de interpretar nosso mundo, especialmente a vida humana. É nesse sentido que os defensores do pós-modernismo falam de uma postura pós-crítica, mas não anticrítica nem pré-crítica.<sup>24</sup>

<sup>15</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*.

<sup>16</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 47-127.

<sup>17</sup> WARFIELD, B. *A inspiração e autoridade da Bíblia*.

<sup>18</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 62-66.

<sup>19</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 66-70.

<sup>20</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 79-88.

<sup>21</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 128-260.

<sup>22</sup> KÄRKKÄINEN, V-M. *Toward a Pneumatological Theology: Pentecostal and Ecumenical Perspectives on Ecclesiology, Soteriology and Theology of Mission*, p. 3-22.

<sup>23</sup> KÄRKKÄINEN, V-M. *Toward a Pneumatological Theology: Pentecostal and Ecumenical Perspectives on Ecclesiology, Soteriology and Theology of Mission*, p. 4.

<sup>24</sup> KÄRKKÄINEN, V-M. *Toward a Pneumatological Theology: Pentecostal and Ecumenical Perspectives on Ecclesiology, Soteriology and Theology of Mission*, p. 15.

Mais adiante ele afirma da importância de determinados modelos de interpretação tomados do pós-modernismo, ele diz:

Os desenvolvimentos pós-modernos da hermenêutica pentecostal surgiram da convicção de que, como diz Cargal, “as características tradicionais da apropriação pentecostal da Bíblia, tais como a multiplicidade de significados e o papel dialógico da experiência na tarefa interpretativa, têm afinidades e podem se beneficiar dos insights de uma variedade de abordagens pós-modernas dos textos”.<sup>25</sup>

Portanto, para Kärkkäinen, há uma variedade de abordagens possíveis para serem exploradas pelo movimento pentecostal, em que o papel do sujeito pode ser adequadamente enfatizado, as quais contribuem melhor com a hermenêutica pentecostal contemporânea.

Oliverio Jr.<sup>26</sup> divide em quatro fases a hermenêutica pentecostal; a primeira fase ele chamou de *A hermenêutica pentecostal original clássica*;<sup>27</sup> a segunda fase que ele chamou de *A Hermenêutica Evangélica-Pentecostal Primitiva*;<sup>28</sup> a terceira, que ele chamou de *A Hermenêutica Contextual-Pentecostal*;<sup>29</sup> e, finalmente, a quarta fase, que ele chamou de *A hermenêutica ecumênico-pentecostal*.<sup>30</sup>

A proposta de hermenêutica pentecostal pós-moderna tem sido apresentada por autores proeminentes, como, p.ex., Archer,<sup>31</sup> Archer e Oliverio,<sup>32</sup> Youn,<sup>33</sup> Martin,<sup>34</sup> Jacobsen,<sup>35</sup> Spawn e Wright,<sup>36</sup> Purdy,<sup>37</sup> os sul-americanos Carvalho,<sup>38</sup> Campos,<sup>39</sup> Siqueira e Terra,<sup>40</sup> César Carvalho e Céfora Carvalho,<sup>41</sup> Carvalho,<sup>42</sup> Oliveira,<sup>43</sup> Nel,<sup>44</sup> entre outros. O conhecimento da história das várias propostas hermenêuticas, desde a patrística até autores contemporâneos como Ricoeur, Habermas e outros, das várias teorias da linguagem e do texto e de

<sup>25</sup> KÄRKKÄINEN, V-M. *Toward a Pneumatological Theology: Pentecostal and Ecumenical Perspectives on Ecclesiology, Soteriology and Theology of Mission*, p. 16.

<sup>26</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*.

<sup>27</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*, p. 32-82

<sup>28</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*, p. 83-184.

<sup>29</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*, p. 185-252.

<sup>30</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*, p. 253-314.

<sup>31</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*.

<sup>32</sup> ARCHER, K. J.; OLIVERIO Jr., L. W. (Orgs), *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*, uma obra coletiva em que vários aspectos das teorias da estética da recepção são abordados para propor uma hermenêutica pentecostal baseada na recepção do sujeito à leitura de um texto, no caso, do texto das Escrituras.

<sup>33</sup> YOUN, A. *A Hermeneutical Spirit; Theological Interpretation and Scriptural imagination for the 21st Century*; YOUN, A. *The Dialogical Spirit: Christian Reason and Theological Method in the Third Millennium*.

<sup>34</sup> MARTIN, L. R. (Org.). *Pentecostal Hermeneutics: a reader*. Ele esboça seu projeto da seguinte forma: “Como Green reconhece, a maioria das discussões contemporâneas sobre a interpretação pentecostal pode ser resumida em um paradigma triádico que consiste na Escritura, no Espírito Santo e na comunidade de fé. Essa estrutura tríplice é explicada nos capítulos a seguir e continua sendo Essa estrutura tríplice é explicada nos capítulos a seguir e continua a ser refinada à luz dos contextos em mudança e das percepções pentecostais globais. globais. O pentecostalismo é um movimento ricamente diversificado com uma variedade de expressões, e cada expressão é merecedora de um reconhecimento. expressões, e cada expressão merece sua própria versão particular de hermenêutica pentecostal de hermenêutica pentecostal” (MARTIN, L. R. Introduction to Pentecostal Biblical Hermeneutics. In: MARTIN, L. R. (Org.). *Pentecostal Hermeneutics: a reader*, p. 9)

<sup>35</sup> JACOBSEN, D. *Thinking in the Spirit: Theologies of the Early Pentecostal Movement*. Indianapolis, Indiana University Press, 2003

<sup>36</sup> SPAWN, K. L.; WRIGHT, A. T. (Orgs.). *Spirit and Scripture: Exploring a Pneumatic Hermeneutic*.

<sup>37</sup> PURDY, H. D. *A Distinct Twenty-first-Century Pentecostal Hermeneutic*.

<sup>38</sup> CARVALHO, C. M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*.

<sup>39</sup> CAMPOS, B. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. CAMPOS, B. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*.

<sup>40</sup> SIQUEIRA, G.; TERRA, K. *Autoridade Bíblia e experiência no espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*.

<sup>41</sup> CARVALHO, C. M.; CARVALHO, C. *Teologia Sistemático-Carismática: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã*.

<sup>42</sup> CARVALHO, C. M. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, D. M. de, A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance.

<sup>44</sup> NEL, M. Attempting to Define a Pentecostal Hermeneutics.

textualidade é de fundamental importância para a compreensão do projeto hermenêutico pós-moderno de parte dos pentecostais, mas a apresentação destes temas está fora do escopo deste trabalho.<sup>45</sup>

A proposta de colocar a experiência no centro do processo hermenêutico é, de fato, um projeto audacioso dentro do pentecostalismo, especialmente considerando que ela se distancia de modelos tradicionais de interpretação bíblica, como o método histórico-gramatical, que ainda predomina em grande parte da teologia cristã, incluindo o pentecostalismo mais conservador. Essa mudança de foco reflete uma transformação profunda no modo como se compreende a relação entre fé, experiência e conhecimento teológico.

As principais implicações da Proposta Hermenêutica Pentecostal Pós-Moderna são duas: a subordinação da razão e a primazia da experiência. A ênfase na experiência como o centro da hermenêutica desafia a racionalidade e a análise sistemática do texto. A experiência pessoal com o Espírito Santo se torna o ponto de partida e o critério para a interpretação bíblica, o que implica que cada crente, através de sua experiência individual e espiritual, tem acesso a uma verdade revelada que não depende apenas da análise objetiva do texto.

Isso se opõe à abordagem tradicional em que a razão e a exegese histórica buscam encontrar o significado objetivo do texto bíblico. Essa abordagem procura romper com paradigmas racionalistas. O modelo pentecostal pós-moderno critica o paradigma racionalista que se tornou hegemônico, particularmente após a modernidade, e que procura verificar a verdade de maneira científica e empírica. Nesse sentido, o saber teológico deixa de ser apenas um exercício intelectual e se transforma em uma vivência, ou seja, o conhecimento da Bíblia e da fé se dá principalmente através de uma experiência vivida com Deus.

Experiência se torna validadora do conhecimento. Ao colocar a experiência no centro, a hermenêutica pentecostal pós-moderna propõe que a verdade teológica não deve ser apenas verificada por métodos lógicos e científicos, mas que a experiência espiritual de cada indivíduo com Deus se torna o instrumento validatório dessa verdade. Isso implica uma relativização do conhecimento teológico tradicional, em que o método histórico-gramatical e a tradição eclesial eram os principais responsáveis pela formação do entendimento teológico.

Os principais desafios dessa interpretação impostos à tradição pentecostal poderiam ser resumidos da seguinte forma. Embora essa proposta represente uma inovação teológica para muitos dentro do pentecostalismo, ela também representa um desafio considerável para aqueles que defendem uma hermenêutica mais sistemática e mais próxima da abordagem acadêmica tradicional. Há uma tensão dentro do movimento, pois essa ênfase na experiência pode ser vista como uma subjetivização da fé, o que poderia levar a interpretações divergentes ou discordantes, já que a experiência é única e pode ser vivida de formas muito diferentes entre os indivíduos.

Outro desafio seria o da universalidade da experiência. Outro ponto crucial é a universalidade dessa experiência. O pentecostalismo pós-moderno propõe que a experiência com o Espírito Santo se torne uma referência universal para todos os crentes. No entanto, isso pode ser um desafio, pois a vivência do Espírito e as manifestações do batismo no Espírito Santo, como o falar em línguas, podem ser interpretadas e vividas de maneiras diversas em diferentes contextos culturais e individuais. Isso coloca em jogo a uniformidade e a coerência das interpretações bíblicas dentro do movimento.

Não obstante os desafios, há elementos promissores, como, p. ex., o potencial transformador da hermenêutica pentecostal pós-moderna. Apesar dos desafios, essa proposta também possui um potencial transformador para o pentecostalismo e a teologia cristã de maneira geral. Ela revaloriza o papel da experiência pessoal com Deus, algo que sempre esteve presente no cristianismo, mas que foi muitas vezes marginalizado ou subestimado por modelos teológicos mais intelectualizados e tecnicizados. Essa mudança de ênfase pode ajudar

---

<sup>45</sup> O espaço deste trabalho não permite o estudo da história da interpretação ou da hermenêutica, que é necessário à compreensão da passagem da hermenêutica pentecostal do fundamentalismo para o pós-modernismo, para o que fica a sugestão das leituras aqui propostas: JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*; TODOROV, T. *Simbolismo e interpretação*; SCHMITD, L. K. *Hermenêutica*; DANCY, J. *Epistemologia contemporânea*; BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*; PALMER, R. E. *Hermenêutica*; FERRARIS, M. *Historia de la hermenéutica*; THISSELTON, A. C. *New Horizons in Hermeneutics*.

a revitalizar a fé de muitos crentes, pois coloca a experiência direta com Deus como uma parte vital do processo de conhecimento e relacionamento com o divino.

Além disso, ao promover uma hermenêutica que se baseia na experiência, essa proposta traz uma reconexão com a dimensão espiritual e subjetiva da fé cristã, que muitas vezes é perdida em abordagens excessivamente sistemáticas e racionais.

Em suma, a hermenêutica pentecostal pós-moderna representa um movimento ousado e revolucionário dentro do pentecostalismo, ao colocar a experiência pessoal com o Espírito Santo no centro da interpretação bíblica. Embora enfrente desafios relacionados à subjetividade e à dificuldade de universalização, essa proposta tem o potencial de trazer uma renovação significativa para a teologia pentecostal, realçando a dimensão experiencial da fé e do conhecimento de Deus, e rompendo com os paradigmas racionalistas e cientificistas que têm dominado as abordagens teológicas modernas.

Terra e Oliveira afirmam que a experiência de encontro com Deus está no centro da fé pentecostal, diferentemente do que acontece com a tradição conservadora, que é centrada nas doutrinas: “Logo, a experiência do encontro com Deus é a ênfase central dos pentecostalismos, e não a doutrina ou o ensino. Essa experiência pode ser chamada de experiência da comunidade pneumática”.<sup>46</sup>

A experiência da comunidade pneumática pode ser expressa apropriadamente por Archer, numa uma interação entre três elementos: a Bíblia, o Espírito Santo e a comunidade de fé pentecostal, em que, a partir deste elemento triádico, ele expõe o seu projeto de hermenêutica pentecostal, que se tornou paradigmático para o modelo pós-moderno de hermenêutica pentecostal:

*A estratégia será autoconscientemente uma abordagem narrativa para o entendimento e a construção do significado teológico. Além disso, a estratégia Pentecostal incorporará um método interpretativo centrado no texto e orientado para o leitor. O conhecimento como entendimento significativo será enraizado e relacionado à vida humana porque ‘o único tipo de conhecimento (teológico e teórico) que realmente conta é o conhecimento fundamentado na vida’. ‘O significado, portanto, não é mais visto em termos de uma “causa” original ou “efeito” final, mas em termos de relacionamento’. O significado então é alcançado através de um processo dialético baseado em um relacionamento dialógico interdependente entre a Escritura, o Espírito e a comunidade. Os pentecostais em geral e esse escritor pentecostal em particular levam muito a sério a advertência de Goldingay de que “aqueles que fingem ser objetivos e críticos e então encontram suas próprias preocupações (iluministas, existenciais ou feministas) nos textos que estudam precisam tomar uma dose de autossuspeição”. Portanto, essa estratégia adotará uma “hermenêutica de suspeita” e uma “hermenêutica de recuperação” ao negociar leituras significativas criativas e construtivas das Escrituras com base no desejo da comunidade pentecostal de viver fielmente com Deus. No restante deste capítulo, esboçarei uma estratégia hermenêutica contemporânea pentecostal que abraça uma negociação triádica de significado entre o texto bíblico, o Espírito Santo e a comunidade pentecostal.*<sup>47</sup>

A estratégia hermenêutica pentecostal contemporânea adota uma abordagem narrativa e relacional para a interpretação das Escrituras, colocando o significado como algo dinâmico e interdependente, resultante de um processo dialético entre três elementos fundamentais: o texto bíblico, o Espírito Santo e a comunidade de fé pentecostal. Esse modelo propõe uma visão integrada de teologia, na qual a compreensão das Escrituras não é apenas teórica ou intelectual, mas está profundamente enraizada na vida humana, sendo influenciada pelas experiências pessoais e coletivas da comunidade que busca viver fielmente com Deus.

<sup>46</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 32. Para explicam as diferenças entre a tradição pentecostal e a conservadora: “A distinção entre a típica leitura fundamentalista da Bíblia e a pentecostal pode ajudar a compreender seus detalhes particulares. Enquanto a primeira enfatiza o didático, a segunda valoriza o elemento carismático; a primeira encontra suas garantias na inerrância da Escritura, a segunda tem as suas nos dons do Espírito; a primeira centra-se na orientação teológica, a segunda estabelece-se na experiência; a primeira enfatiza os elementos racionais, a segunda estabelece como eixo os não racionais” (TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 32).

<sup>47</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 214-215. (O grifo é nosso).

Aqui estão alguns aspectos-chave dessa estratégia hermenêutica pentecostal contemporânea: primeiro, a abordagem narrativa para o entendimento teológico: a) a narrativa é um dos pilares dessa estratégia, já que o entendimento teológico não é visto apenas como um conjunto de proposições ou doutrinas isoladas, mas como histórias de encontros e relacionamentos com Deus, que se desenrolam na vida de cada crente e na experiência comunitária. O conhecimento teológico se torna vivo, baseado em uma história compartilhada e em experiências espirituais contínuas; b) em vez de se concentrar em uma abordagem linear, onde o significado está fixo e determinado (por exemplo, por uma causa inicial ou um efeito final), o significado é alcançado por meio de um relacionamento dialético e contínuo entre os três elementos (Texto, Espírito e Comunidade), refletindo a dinâmica do viver cristão.

Segundo, o método interpretativo centrando no texto e orientado para o leitor: a) o texto bíblico continua sendo central, mas a interpretação não é apenas uma análise teórica do que o texto diz. A leitura do texto se torna uma experiência interativa, orientada para o leitor — no caso, o crente ou a comunidade pentecostal. O conhecimento bíblico não é visto como algo a ser simplesmente extraído do texto, mas sim como um processo de encontro vivo entre o leitor e o texto; b) a orientação para o leitor implica que o texto se transforma em um meio de interagir com Deus e com os outros crentes, sendo interpretado à luz da experiência comunitária e espiritual, em vez de ser entendido isoladamente ou fora de um contexto de vida prática.

Terceiro: o processo dialético de significado: a) o significado não é um conceito fixo ou unívoco; ele emerge de um processo dialético que envolve uma negociação constante entre o texto, o Espírito Santo e a comunidade de fé; b) esse processo dialético implica que não há uma interpretação única ou final das Escrituras. O significado é moldado pela experiência atual do crente e da comunidade, sempre renovando e aprofundando o entendimento à medida que o crente se encontra com Deus na vida cotidiana.

Quarto, a hermenêutica de suspeita e de recuperação: a) a hermenêutica de suspeita sugere que a interpretação das Escrituras deve ser realizada com uma atitude crítica, reconhecendo que, ao ler, o leitor não é totalmente objetivo, mas traz consigo suas preocupações, seja do ponto de vista iluminista, existencial ou até mesmo feminista. Isso exige uma autossuspeição constante, onde o leitor está consciente das suas próprias preocupações que influenciam sua leitura; b) ao mesmo tempo, a hermenêutica de recuperação envolve redescobrir e recuperar os significados originais e profundos das Escrituras, não apenas através de uma leitura acadêmica, mas também pela experiência direta do Espírito Santo e da comunidade de fé.

Quinto, a tríade dialógica: texto, espírito e comunidade; a) a estratégia hermenêutica pentecostal contemporânea se baseia em uma tríade de interação entre o texto bíblico, o Espírito Santo e a comunidade de fé. Essa tríade proporciona uma negociação constante de significado, onde a experiência com o Espírito e o contexto comunitário desempenham um papel decisivo na interpretação das Escrituras; b) a Bíblia é lida à luz da experiência espiritual vivida pelo crente e pela comunidade, com a mediação do Espírito Santo, que ilumina e aplica a Palavra de forma pessoal e transformadora.

Sexto, o significado e o relacionamento: a) o significado teológico não é visto mais como algo abstrato ou intelectual, mas como um relacionamento. O conhecimento teológico é vivido no relacionamento com Deus, tanto individualmente quanto coletivamente. O relacionamento entre Deus e o crente é a base do entendimento e da vivência cristã, e isso se reflete diretamente na interpretação das Escrituras.

Em suma, essa estratégia hermenêutica proposta para o pentecostalismo contemporâneo oferece uma abordagem inovadora e dinâmica para o entendimento das Escrituras, enraizada na experiência vivencial do crente com Deus e com a comunidade de fé. Em vez de uma interpretação fixa ou puramente racionalista, essa hermenêutica busca um significado relacional e dialógico, que é constantemente negociado entre o texto bíblico, o Espírito Santo e a comunidade de fé. Dessa forma, a hermenêutica pentecostal pós-moderna propõe um conhecimento teológico que é vivo, experiencial e profundamente relacional.

Terra e Oliveira enfatizam a tríade Espírito, Escritura e comunidade, como as fontes da experiência pentecostal e da interpretação da Bíblia:

A experiência religiosa pentecostal não pode ser analisada fora da tríade Espírito, Escritura e comunidade. Os pentecostais se caracterizam pelas afirmações impetuosas da ação presente do Espírito, à luz da interpretação pneumática das Escrituras, na vida da comunidade. Só é possível compreender a hermenêutica pentecostal sem tirá-la dessa tríade. Por isso, os pressupostos das perspectivas racionalistas, ou próprias do paradigma do sujeito, não dão conta da maneira pentecostal de interpretar. Pelo contrário, o lugar do leitor e suas experiências são fundamentais para essa leitura carismática/pneumática.<sup>48</sup>

A compreensão da hermenêutica pentecostal realmente depende, em grande medida, da interação dinâmica e interdependente da tríade formada pelo Espírito Santo, a Escritura e a comunidade de fé. Essa tríade é o que dá sentido e fundamentação teológica à forma pentecostal de interpretar as Escrituras e entender a experiência religiosa. Aqui estão os elementos-chave dessa abordagem hermenêutica: primeiro, o Papel do Espírito Santo: a) o Espírito Santo não é visto como uma força impessoal ou distante, mas como o agente ativo e presente que ilumina, aplica e interpreta a Palavra de Deus na vida do crente e da comunidade; b) a ação do Espírito é contínua e vivificadora, conduzindo os crentes a uma compreensão pessoal e direta das Escrituras. O Espírito também age como o mediador entre o texto bíblico e o leitor, proporcionando uma experiência direta de Deus através da leitura e vivência da Palavra.

Segundo: a Escritura como palavra viva: a) a Escritura não é apenas um texto sagrado ou um conjunto de doutrinas a serem estudadas intelectualmente, mas é um meio de encontro com Deus. As Escrituras são lidas através da lente pneumática, ou seja, são compreendidas não apenas em termos de suas palavras, mas em sua potencialidade transformadora na vida do crente; b) ao ler a Bíblia, o crente não busca apenas compreender o que está escrito, mas experimentar a presença de Deus naquilo que está sendo lido. As Escrituras se tornam uma ferramenta ativa, não estática, para provocar uma experiência espiritual e um relacionamento contínuo com Deus.

Terceiro, a comunidade de fé como contexto: a) a comunidade pentecostal é essencial para a interpretação das Escrituras, pois as Escrituras são lidas e vividas dentro da vida comunitária. Não é uma experiência isolada do indivíduo, mas um processo compartilhado, onde o Espírito age coletivamente na comunidade para confirmar, revelar e aplicar a Palavra de Deus; b) a vivência da comunidade é também um meio de validação da experiência religiosa e da interpretação das Escrituras. O Espírito não só fala individualmente, mas também coletivamente, moldando e fortalecendo a fé dentro do corpo de Cristo.

Quarto, os desafios ao paradigma racionalista: a) os paradigmas racionalistas ou do sujeito moderno são insuficientes para entender a hermenêutica pentecostal, pois esses modelos ignoram a dimensão experiencial e relacional da fé. Para a tradição pentecostal, o entendimento bíblico não pode ser reduzido a uma análise puramente intelectual ou objetiva do texto; b) a experiência do leitor desempenha um papel fundamental no processo interpretativo. Não se trata de uma leitura desapegada e neutralizada do texto, mas de uma leitura vibrante e interativa, onde o crente, à luz da ação do Espírito Santo, entra em diálogo com as Escrituras e com a comunidade.

Quinto, a centralidade da experiência religiosa: a) a experiência religiosa é inseparável da interpretação bíblica no pentecostalismo. Não se trata apenas de entender intelectualmente a mensagem das Escrituras, mas de viver a experiência descrita nelas; b) o processo de leitura e compreensão das Escrituras se torna uma experiência transformadora, em que a pessoa experimenta a presença de Deus em sua vida, testemunha da ação do Espírito e partilha essa experiência com a comunidade de fé. A fé, nesse contexto, é vivida relacionalmente, no momento presente, e não simplesmente como algo a ser retido no intelecto.

Sexto, a ruptura com modelos racionalistas e objetivos: a) o modelo racionalista, que busca uma interpretação objetiva e controlada das Escrituras, é desafiado pela hermenêutica pentecostal. O sujeito

---

<sup>48</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, 37.

interpretativo não é mais um indivíduo distanciado e objetivo, mas um leitor envolvido, cuja experiência e espiritualidade são fundamentais para a compreensão do texto; b) o relacionamento do crente com o Espírito Santo torna-se o centro da interpretação. Essa interação não pode ser controlada ou replicada, pois é essencialmente única, viva e dinâmica, e se manifesta em uma experiência direta com Deus.

Resumindo, a hermenêutica pentecostal coloca o Espírito, a Escritura e a comunidade em interdependência, onde cada um desses elementos se retroalimenta e se fortalece na experiência religiosa. Não é apenas uma leitura intelectual das Escrituras, mas uma vivência experiencial e comunitária que ocorre à medida que o crente, guiado pelo Espírito, interpreta e aplica a Palavra de Deus em sua vida. Esse modelo desafiador para a hermenêutica tradicional afirma a centralidade da experiência na leitura e na vivência cristã, mostrando que a fé no pentecostalismo é uma experiência relacional, viva e comunitária, em constante interação com o texto bíblico e o Espírito Santo.

Purdy vê um quarto elemento que deve ser inserido na tríade, o obreiro aprovado, o líder cristão, formando um esquema quadrático:

Uma interação quadrática entre as Escrituras, o Espírito, a comunidade e o líder treinado é apresentada como uma estratégia interpretativa adequada. A hermenêutica pentecostal distinta do século XXI proposta aqui envolve um uso eclético de métodos interpretativos a partir de uma perspectiva claramente pentecostal que abraça a estratégia quadrática anteriormente proposta. uma perspectiva claramente pentecostal que abraça a estratégia quadrática anteriormente mencionada.<sup>49</sup>

A proposta de uma estratégia quadrática para a hermenêutica pentecostal do século XXI envolve uma interação complexa e interdependente entre quatro elementos principais: as Escrituras, o Espírito Santo, a comunidade de fé e o líder treinado. Essa abordagem busca capturar a riqueza da tradição pentecostal, enquanto reconhece a necessidade de um método de interpretação mais integrado e dinâmico. Detalhando os quatro elementos, tem-se: primeiro, as Escrituras: a) as Escrituras continuam sendo a fonte primária de autoridade para a fé pentecostal, mas sua interpretação é vista através de uma perspectiva pneumática. Ou seja, a Bíblia não é apenas um texto histórico ou doutrinário, mas uma experiência viva que é atualizada e aplicada à vida do crente e da comunidade através da ação do Espírito Santo. b) as Escrituras são lidas não apenas intelectualmente, mas com uma disposição espiritual, aberta à orientação direta do Espírito. O texto sagrado é interpretado não apenas como um registro de fatos ou doutrinas, mas como um meio pelo qual o Espírito atua para transformar vidas. Segundo, o Espírito Santo: a) o Espírito Santo é o agente ativo no processo hermenêutico pentecostal. Ele não apenas inspira e ilumina as Escrituras, mas também orienta e capacita os crentes e líderes a entenderem e aplicarem a Palavra de Deus de maneira prática; b) a presença do Espírito na interpretação bíblica vai além da compreensão teórica. Ela envolve um envolvimento direto e experiencial, levando o crente a viver a verdade das Escrituras de forma pessoal e transformadora. Terceiro, a comunidade de fé; a) a comunidade de fé é o contexto essencial em que a interpretação das Escrituras ganha significado prático. O processo hermenêutico pentecostal não é individualista, mas comunitário, envolvendo a interação entre os membros da igreja, todos buscando juntos a revelação e a aplicação das Escrituras; b) a comunidade não é apenas o ambiente onde as Escrituras são lidas, mas um espaço onde os crentes vivenciam e testemunham juntos as verdades bíblicas, compartilhando experiências pessoais e encorajando uns aos outros a viver conforme os ensinamentos do Espírito. quarto e último, o líder treinado: a) o líder treinado desempenha um papel crucial, não como alguém que apenas transmite ensinamentos ou dogmas, mas como um facilitador do processo interpretativo. Ele não apenas oferece direção doutrinária, mas também está comprometido com o desenvolvimento de uma espiritualidade prática e vibrante dentro da comunidade; b) o líder, à luz da formação teológica e do discernimento espiritual, orienta a comunidade a interpretar as Escrituras de maneira que leve a

---

<sup>49</sup> PURDY, H. D. *A Distinct Twenty-first-Century Pentecostal Hermeneutic*, pos. 183. (Edição Kindle).

uma vivência transformadora da fé. Ele é um mediador da sabedoria do Espírito, ajudando os crentes a integrar a Palavra em suas vidas diárias.

A proposta de uma estratégia eclética reconhece a diversidade de métodos interpretativos que podem ser usados para interpretar as Escrituras. Isso significa que, embora a perspectiva pentecostal seja o ponto central, a hermenêutica pentecostal do século XXI se abre para a utilização de métodos de interpretação histórica, literária, teológica e existencial, mas sempre com um foco na experiência relacional com Deus através do Espírito.

A estratégia quadrática envolve a interação constante e dinâmica entre as Escrituras, o Espírito Santo, a comunidade e o líder treinado, onde cada elemento exerce um papel fundamental no processo interpretativo. Não há uma hierarquia entre eles, mas uma sinergia em que todos interagem para que o significado das Escrituras seja vivido de forma autêntica, tanto individual quanto coletivamente.

Assim, a hermenêutica pentecostal do século XXI, com a proposta de uma estratégia quadrática, integra a experiência e o relacionamento com Deus no processo de interpretação das Escrituras. A Bíblia é entendida não apenas como um texto, mas como um meio de revelação e transformação contínua, com a ajuda ativa do Espírito Santo, o contexto comunitário e a orientação de líderes treinados. Isso não só representa uma ruptura com abordagens mais tradicionais e objetivas, mas também um reforço da natureza dinâmica, viva e experiencial da fé pentecostal.

Martin segue o esquema da tríade como o projeto hermenêutico pentecostal adequado para a teologia pentecostal, ele diz:

Como Green reconhece, a maioria das discussões contemporâneas sobre a interpretação pentecostal pode ser resumida em um paradigma triádico que consiste na Escritura, no Espírito Santo e na comunidade de fé. Essa estrutura tríplice é explicada nos capítulos a seguir e continua a ser refinada à luz dos contextos em mudança e das percepções pentecostais globais. O pentecostalismo é um movimento ricamente diversificado com uma variedade de expressões, e cada expressão é merecedora de um reconhecimento. expressões, e cada expressão merece sua própria versão particular de hermenêutica pentecostal de hermenêutica pentecostal.<sup>50</sup>

A proposta de Green, ao reconhecer a estrutura triádica de Escritura, Espírito Santo e comunidade de fé, reflete uma visão profundamente pentecostal de interpretação bíblica. Este paradigma não apenas sintetiza os elementos essenciais da hermenêutica pentecostal, mas também destaca a dinamicidade e a diversidade dentro do movimento pentecostal, permitindo que cada expressão pentecostal tenha uma abordagem única, mas ainda assim integrada aos princípios centrais que definem a teologia pentecostal.

O modelo triádico proposto por Green pode ser desmembrado da seguinte forma: a) as Escrituras: As Escrituras são vistas como a fundação para a experiência cristã, mas sua interpretação vai além de uma leitura meramente acadêmica. A Palavra de Deus é vista como viva e capaz de transformar a vida do crente, sendo o Espírito Santo o agente que torna essa Palavra relevante para o indivíduo e a comunidade; b) o Espírito Santo: O Espírito não é apenas o inspirador das Escrituras, mas também o agente ativo na compreensão e aplicação delas. No pentecostalismo, o Espírito é central, não apenas iluminando o entendimento intelectual, mas vivificando a Palavra e induzindo a experiência religiosa. O papel do Espírito Santo vai muito além de um mero suporte cognitivo; ele é o motor espiritual que traz a experiência direta de Deus; c) a comunidade de fé: A comunidade é essencial para o processo hermenêutico, pois a interpretação das Escrituras acontece dentro de um contexto comunitário. A leitura das Escrituras não é feita isoladamente, mas através do diálogo, da adoração e do testemunho coletivo. A fé não é apenas uma experiência individual, mas também corporativa, com o Espírito guiando a comunidade na aplicação da Palavra de Deus à vida cotidiana.

Assim, a hermenêutica pentecostal, dentro da proposta de Green, não é uma abordagem rígida ou monolítica, mas uma estratégia dinâmica que incorpora a experiência com o Espírito Santo como um elemento essencial na interpretação bíblica. Embora o modelo triádico seja central, ele é adaptável e deve ser refinado

---

<sup>50</sup> MARTIN, L. R. Introduction to Pentecostal Biblical Hermeneutics, p. 9.

conforme o contexto cultural e histórico em que o pentecostalismo está inserido, permitindo que cada expressão pentecostal desenvolva uma hermenêutica que se relaciona diretamente com a sua própria experiência de fé.

Todo o desenvolvimento da hermenêutica pentecostal pós-moderna seguirá este modelo, com algumas variações, mas, em essência, o modelo estabelecido a este, apresentado de forma narrativa, isto é, a narratividade é o modelo apropriado de apresentar a teologia pentecostal baseada nesta tríade, como propõem Terra e Oliveira: “Consequentemente, pressupomos em todos os nossos textos uma teologia que não desqualifica as subjetividades, os saberes afetivos e a construção teológica narrativa”.<sup>51</sup>

Assim, a hermenêutica pentecostal pós-moderna está num caminho de afirmação, buscando suscitar uma identidade que seja pentecostal, dissociada do calvinismo e de outras formas tradicionais de cristianismo.

## O método histórico-gramatical como modelo autorizado de interpretação – uma aproximação hermenêutica tradicional

Os teóricos da hermenêutica pentecostal dividem-se, essencialmente, em dois grupos: o primeiro, de inclinação mais conservadora, defende a primazia do método histórico-gramatical na interpretação bíblica; o segundo, influenciado por abordagens pós-modernas, valoriza o papel ativo do leitor, aproximando-se das teorias da estética da recepção no processo interpretativo<sup>52</sup>; Keener identifica esta questão com clareza: “Há uma tensão atualmente no estudo erudito pentecostal ocidental entre os que favorecem uma hermenêutica histórico-crítica e enfatizam o contexto histórico, de um lado, e os que, de outro, favorecem uma hermenêutica pós-moderna e minimizam a importância do horizonte histórico original”.<sup>53</sup>

Na concepção de Keener, a hermenêutica pentecostal é uma leitura de caráter cristão, ou seja, fundamentada na fé na Bíblia e no compromisso de compreender seu significado. Esse método considera tanto o sentido original do texto para seus primeiros leitores quanto sua relevância para os crentes contemporâneos. Embora reconheça a importância do contexto histórico, como faz o método histórico-crítico, seu objetivo principal é captar e acolher a mensagem bíblica.<sup>54</sup>

Para Lopes, o método ideal para a leitura da Bíblia é o método histórico-gramatical:

*(...) este livro tem como um de seus alvos demonstrar que o método gramático-histórico, cujos traços podemos perceber desde os primórdios da história da interpretação, é o que melhor se adapta ao caráter divino e humano das Escrituras. Muito embora o sistema alegórico, o método histórico-crítico e as novas hermenêuticas possam nos dar detalhes interpretativos da Bíblia válidos e úteis, são parte de sistemas radicalmente diferentes daquele que suporta o método gramático-histórico. No meu entendimento, somente uma hermenêutica que leve a sério a inspiração e infalibilidade das Escrituras, a historicidade dos relatos bíblicos e a intencionalidade dos textos em comunicar sentido proposicionalmente, poderá abranger todos os aspectos envolvidos na interpretação de um texto divino e humano ao mesmo tempo. E o método gramático-histórico atende a estes requisitos. (...) Por outro lado, defendemos que o método gramático-*

<sup>51</sup> TERRA, K.; OLIVEIRA, D. M. de, *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 12.

<sup>52</sup> ECO, U. *Interpretação e super interpretação*; ECO, U. *Obra aberta: forma e intermediação nas poéticas contemporâneas*; ECO, U. *Os limites da interpretação*; TERRA, K.; SIQUEIRA, G. *Autoridade Bíblia e experiência no espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*, p. 26-32.

<sup>53</sup> KENNER C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 214. Edição Kindle.

<sup>54</sup> Keener explica isto assim: “No fim das contas, uma abordagem ‘pentecostal’ é uma apologia da leitura dos textos cristãos de um modo especificamente cristão, em vez do modo com que às vezes liamos esses textos na academia. Isso não é uma desvalorização da contribuição da interpretação acadêmica histórico-crítica. A informação histórica enriquece e muitas vezes é necessária para a nossa compreensão do texto; a questão é simplesmente que a análise de questões históricas por si mesma não é equivalente a entender, receber ou aceitar a mensagem de um texto. Por enquanto, basta dizer que entender a gramática de um texto ou até mesmo reconhecer suas instruções é diferente de receber sua mensagem com fé.” (KENNER C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 43. Edição Kindle)

histórico pode ser visto como o sistema interpretativo que melhor deu continuidade ao trabalho dos profetas e apóstolos ao interpretar as Escrituras em seus dias.<sup>55</sup>

No século XVI, o teólogo Jacob Armínio já afirmava que o verdadeiro sentido das Escrituras deveria ser extraído por meio da interpretação gramatical do texto, independentemente de uma abordagem alegórica ou literal:

DEBATE IX, SOBRE OS SIGNIFICADOS E A INTERPRETAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS. I. O significado legítimo e genuíno das sagradas Escrituras é aquilo que o Espírito Santo, seu autor, tencionou, e que está coletado nas próprias palavras, sejam elas recebidas em seu significado apropriado ou figurado, isto é, o sentido gramatical, como é chamado. II. Com base exclusivamente neste sentido, podem ser obtidos argumentos eficazes para prova das doutrinas.<sup>56</sup>

Embora calvinismo e arminianismo divirjam em suas concepções soteriológicas, ambos convergem na questão hermenêutica: a interpretação das Escrituras deve seguir a estrutura gramatical do texto.

Osborne também sustenta que o método histórico-gramatical deve servir como fundamento para toda análise literária e estilística na interpretação de uma passagem bíblica:

Depois de um exame detalhado das escolhas redacionais do autor, o estudioso *deve aplicar uma abordagem histórico-gramatical à passagem*, usando os métodos já discutidos sobre hermenêutica geral (...). A gramática permitirá determinar com maior precisão a relação entre as palavras e, portanto, o fluxo da narrativa, e uma pesquisa semântica dará mais clareza às nuances do significado pretendido. (...) na realidade, os métodos devem ser utilizados em conjunto. Por exemplo, os estudos da gramática e da palavra são aspectos de análise estilística, eles são interdependentes. Além disso, uma análise crítica da redação é parte das ferramentas exegéticas usadas durante os estudos da literatura narrativa. A exegese funciona, em alguns casos, como um resumo dos outros métodos (...).<sup>57</sup>

A hermenêutica tradicional sustenta que o texto bíblico contém uma mensagem ou conteúdo fixo que deve ser extraído por meio da interpretação. Diferentemente de algumas abordagens pós-modernas, como as hermenêuticas da estética da recepção, que enfatizam o papel do leitor na atribuição do sentido ao texto, a hermenêutica tradicional concentra-se no significado intrínseco do texto, independentemente das perspectivas

<sup>55</sup> LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 8. O grifo é nosso.

<sup>56</sup> ARMÍNIO, J. *As obras de Armínio*, Vol. 2, pos. 28 (Edição Kindle).

<sup>57</sup> OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*, p. 280. (O grifo é nosso). Isto, no entanto, não significa, para Osborne, excluir o método histórico crítico ou a crítica literária, ele diz: “O significado é encontrado mais na forma final do texto do que no processo da tradição — no caso, talvez eu até subordinasse a crítica da fonte à rubrica maior da análise literária. Porém, na realidade, não há qualquer necessidade de “subordinação”: todos os aspectos (crítico-histórico, histórico-gramatical, literário) funcionam em conjunto e se comunicam no processo hermenêutico da descoberta do significado de um texto narrativo. Tudo o que resta é oferecer os princípios hermenêuticos para se cumprir essa tarefa e mesclar os componentes de tal modo que as narrativas produzam o resultado pretendido na vida do leitor.” (OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*, p. 276). Quando ele afirma que o sentido está no texto final e não no seu processo de formação, está dando ênfase ao texto canônico, como sugere fortemente CHILDS, B. S. *Introduction of the Old Testament as Scripture*, e CHILDS, B. S. *The New Testament as Canon: na Introduction*, também WALL, R. W.; LEMCIO, E. E. *The New Testament as Canon: a Reader in Canonical Criticism*, e WALL, R. W. *Studies in Canonical Criticism: Reading the New Testament as scripture*, diferentemente da tendência mais normal da Crítica Bíblica, que procura enfatizar mais o processo de formação do texto que o texto final. Em outro lugar, Osborne estabelece o lugar de cada método, mas defende que o sentido do texto é obtido pelo método histórico-gramatical: “4. Nós precisamos permitir que bons princípios hermenêuticos moldem nossa exegese e controlem nossa tendência de ler nossas opiniões preconcebidas no texto. A exegese histórico-crítica nos fará conscientes da necessidade de considerar o pano de fundo bíblico e os dados (as dimensões históricas); a exegese histórico-gramatical permite ao significado original, ou pretendido, ser o foco (a dimensão semântica); e a crítica literária mantém o texto no centro (a dimensão literária). Todos os três interagem para permitir ao pré-entendimento ser uma ferramenta positiva e não negativa, para nos guiar ao significado original do texto e não para formar uma barreira ao significado. Stuhlmacher pede por uma “verificabilidade metodológica”. A subjetividade de grande parte da exegese moderna deve ser colocada sob controle, para que a verdade não se perca.” (OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*, p. 665).

individuais dos leitores.<sup>58</sup> De acordo com Klein, Blomberg e Hubbard Junior, a interpretação dos textos bíblicos deve ser conduzida com atenção especial, com o foco voltado para o próprio texto e a intenção do autor. Para eles, o processo interpretativo deve buscar entender o significado original e as intenções comunicativas do autor, sem negligenciar o contexto histórico e literário:

Mas a questão que temos que decidir é: qual é o nosso objetivo como intérpretes evangélicos ao lidar com os textos bíblicos? Se buscarmos ouvir o que Deus transmitiu por meio da Bíblia, e, portanto, o que o texto bíblico quer dizer, então acreditamos que isto determina a nossa abordagem e nossos métodos de interpretação. Isto é, se o nosso objetivo for centrado no autor ou no texto, então os métodos históricos, gramaticais, literários e culturais (só para mencionar alguns exemplos) têm que ser fundamentais. Para nos ajudar a estabelecer uma metodologia precisa de interpretação, precisamos considerar algumas questões estratégicas que se relacionam com o sentido do texto.<sup>59</sup>

Os autores deixam claro que sua proposta hermenêutica é centrada no texto, com o objetivo principal de extrair a intenção do autor. Essa abordagem enfatiza a importância de compreender o propósito e a mensagem original transmitidos pelo autor, considerando o contexto histórico e literário em que o texto foi produzido. Eles dizem: “O nosso objetivo é o significado do texto porque é tudo ao que temos acesso. Ao mesmo tempo, esperamos que o significado textual traga uma aproximação razoável da intenção do autor ou do editor. Este é um objetivo melhor do que outras propostas”.<sup>60</sup> De igual modo Keener, ele diz: “Observar o sentido proposto, ou o que poderíamos chamar de o sentido projetado pelo autor ideal ou ao menos o sentido cultural antigo, é um objetivo vital e fundamental para a interpretação das Escrituras”.<sup>61</sup>

Esses autores defendem que o texto bíblico está impregnado de sentido e transmite a mesma mensagem desde sua origem, embora a capacidade dos leitores de identificar esse significado possa variar. Eles argumentam que, independentemente das mudanças na interpretação ao longo do tempo, o texto mantém sua integridade e significado original, sendo acessível a todos, ainda que com diferentes níveis de compreensão: “Acreditamos que o sentido textual é fixo (o texto quer dizer o que sempre quis); mas os leitores terão uma bagagem maior ou menor para entendê-lo em sua busca de desvendá-lo”,<sup>62</sup> por isso definem com precisão o que entendem por “sentido textual”:

O que queremos dizer com sentido textual? O sentido de um texto (a locução) é *aquela que as palavras e as estruturas gramaticais revelam sobre a intenção provável do seu autor/editor (a ilocução e a perlocução) e o entendimento provável desse texto pelos seus destinatários. É o sentido que essas palavras teriam transmitido aos leitores na época em que foram escritas pelo autor ou editor.*<sup>63</sup>

Com base nesses conceitos, os autores apresentam seu projeto hermenêutico de forma clara, partindo do pressuposto de que a Bíblia é a Palavra de Deus expressa em linguagem humana. Essa abordagem ressalta a ideia de que, embora o texto bíblico seja divino em sua origem, ele se comunica por meio de uma forma acessível e compreensível para os seres humanos, preservando sua mensagem e autoridade:

Com base no nosso pressuposto de que a Escritura é a Palavra de Deus para as pessoas transmitida por meio de autores humanos, o nosso objetivo em lê-la é descobrir os sentidos dos autores codificados nos textos que eles escreveram. Seguindo a teoria básica dos atos da fala, acreditamos que os autores escreveram textos

<sup>58</sup> Cf. a discussão em KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 301-359.

<sup>59</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 305.

<sup>60</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 305.

<sup>61</sup> KENNER C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 185. Edição Kindle.

<sup>62</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 279.

<sup>63</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 328. (O grifo é original).

para transmitir conteúdo e para provocar reações em seus leitores. Cremos que Deus não quis que a Bíblia funcionasse como um espelho refletindo os leitores e os seus significados, mas como uma janela para os mundos e sentidos dos autores e para os textos que eles produziram. Portanto, propomos o seguinte: o sentido histórico codificado pelo autor é o objetivo central da hermenêutica. Supomos que os autores ou editores da Bíblia pretendiam se comunicar com seus leitores da mesma forma que todas as pessoas normalmente se comunicam. Acreditamos que os autores bíblicos pretendiam que as suas mensagens tivessem somente um sentido.<sup>64</sup>

Portanto, os autores estão empenhados em compreender a revelação. Embora reconheçam que o texto bíblico possa admitir múltiplas interpretações, o esforço hermenêutico deles se concentra em identificar o sentido original do texto, ou seja, aquilo que o texto realmente busca comunicar. O objetivo é penetrar no significado autêntico e intencional do autor, sem se desviar para interpretações subjetivas ou distorcidas:

Em nosso estudo da Bíblia, buscamos entender a revelação de Deus. Os textos bíblicos originais foram inspirados: esses textos foram codificados nos contextos históricos originais. Mesmo que uma passagem possa ser entendida de várias maneiras, o nosso objetivo é determinar qual desses vários sentidos tinha uma chance maior de ser compreensível para o seu autor e para os seus leitores originais. Por esta razão é que as pessoas se comunicam: elas esperam que o que elas expressam seja entendido da forma que elas pretendiam.<sup>65</sup>

Dessa forma, para os autores, a interpretação gramatical é a única abordagem capaz de sustentar esse projeto hermenêutico. Eles acreditam que, ao focar na análise das estruturas linguísticas e no entendimento das palavras e frases no contexto original, é possível acessar corretamente o sentido pretendido pelo autor bíblico, garantindo uma interpretação fiel à intenção do texto: “Já que a gramática é um elemento básico da maneira pela qual os autores organizam as palavras para expressarem os seus pensamentos e da maneira que os destinatários decifram o significado das palavras, a análise gramatical é um aspecto essencial da interpretação correta”.<sup>66</sup> Keener corrobora essa visão ao afirmar que a natureza textual da Bíblia deve ser respeitada e levada a sério como um texto. Ele destaca que, embora a “iluminação do Espírito” seja crucial para que o crente compreenda a mensagem bíblica, ela não opera de forma separada dos processos hermenêuticos gramaticais de interpretação das Escrituras. Segundo Keener, a compreensão adequada da Bíblia envolve a interação entre a iluminação espiritual e os métodos rigorosos de análise textual: “Levar em conta a iluminação divina de um texto bíblico não significa fazer de conta que a natureza textual desse texto não existe; visto que são textuais, as Escrituras, em virtude de sua forma textual, precisam ser abordadas segundo os modos com que se abordam textos”.<sup>67</sup> Do mesmo modo, Wickoff afirma que: “Do lado positivo, a resposta adequada à iluminação do Espírito Santo resulta

<sup>64</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 326.

<sup>65</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 327.

<sup>66</sup> KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*, p. 430.

<sup>67</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 44. Edição Kindle. Wickoff também estuda o papel da iluminação do Espírito no processo interpretativo, ele diz: “A iluminação ocorre em conjunto com a aplicação normal dos princípios hermenêuticos, e não de forma isolada. “Pode-se dizer que o Espírito Santo trabalha por meio do entendimento humano, e não geralmente, ou nunca, por meio de processos que contornam as considerações discutidas sob o título de hermenêutica.” Em seu artigo sobre o assunto, Klooster afirma com veemência a necessidade da iluminação do Espírito. No entanto, ele também observa: “A Escritura é verbal e lingual: é a Palavra de Deus escrita... Portanto, a exegese gramatical-literária é necessária para interpretar as Escrituras”. Ele acrescenta: “Para entender as Escrituras, todo crente deve ler e interpretar de forma inteligente. O Espírito Santo não produz uma visão reveladora que ‘automaticamente’ fornece o significado de qualquer passagem.” (...) Então, a iluminação pelo Espírito e a aplicação da hermenêutica são fatores complementares e mutuamente dependentes na conclusão do processo interpretativo. A hermenêutica por si só não pode levar o leitor além do nível cognitivo para compreender a “Verdade Suprema” das Escrituras; mas isso não quer dizer que a hermenêutica seja inadequada ou desnecessária. Ervin reconhece que “a compreensão de suas palavras [das Escrituras] não é possível sem a ação do Espírito Santo que as soprou pela primeira vez”. Ele também adverte: “Na medida em que a hermenêutica bíblica nos compromete com a tarefa de traduzir e esclarecer a tradição textual sagrada, não pode haver integridade hermenêutica à parte de uma exegese crítica e contextual.” (WICHOFF, J. W. *Pneuma and Logos: The Role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*, pos. 88-89. (Edição Kindle).

em interpretação precisa e compreensão verdadeira. A mensagem bíblica é realmente compreendida ou, para usar as palavras de Klooster, o ‘conhecimento de Deus’ é obtido e a ‘compreensão do coração’ ocorre quando o leitor ‘responde do fundo do coração em amor’.<sup>68</sup>

A razão pela qual a gramática e a interpretação gramatical são tão valorizadas pelos tradicionalistas é que, segundo eles, esse método assegura que as interpretações pessoais não distorçam o texto. Fee escreve que, ao adotar uma abordagem gramatical rigorosa, a interpretação se mantém fiel ao significado original do autor, evitando que as preferências ou preconceitos do intérprete interfiram no entendimento do texto bíblico:

*A razão por que não devem os começar com o aqui e atualmente e que o único controle apropriado para a hermenêutica se acha na intenção original do texto bíblico. Conforme notamos anteriormente neste capítulo, esse é o “significado claro” que estamos procurando. De outra forma, os textos bíblicos podem ser forçados a significar tudo quanto significam para qualquer leitor determinado. Tal hermenêutica, no entanto, torna-se pura subjetividade, e quem, pois, vai dizer que a interpretação de uma pessoa e certa, e a de outra pessoa, errada? Qualquer coisa serve. Em contraste com semelhante subjetividade, insistimos que o significado original do texto — dentro dos limites da nossa capacidade para discerni-lo — e o ponto objetivo de controle.<sup>69</sup>*

O modelo de hermenêutica pentecostal também adotou o método histórico-gramatical como o ideal para a interpretação das Escrituras, rejeitando as abordagens pós-modernas, como as teorias da estética da recepção, para a interpretação bíblica. Segundo Keener, utilizar a gramática para extrair o significado de um texto é a forma mais antiga de leitura, muito anterior ao período crítico moderno, remontando a Aristóteles e, de maneira plausível, às formas de leitura que precederam sua época:

No próximo capítulo, trato de um precedente antigo para explorar a intenção autoral. Aqui me volto ao interesse mais geral pelo contexto antigo. Descobrir “o significado e a intenção originais” de um texto é o objetivo do método histórico-gramatical. Como observado adiante no capítulo 9, alguns associam a intenção autoral com “uma hermenêutica racionalista iluminista” ou com “o método histórico-crítico”. No entanto, os intérpretes claramente já usavam a “exegese histórico-gramatical” antes do domínio da crítica histórica moderna. Reformadores como Zuínglio enfatizavam a atenção para questões como “pesquisa gramatical, retórica e histórica na elucidação do texto bíblico”. Qualquer um que questionar a natureza sofisticada de grande parte da crítica literária antiga somente precisa examinar a Poética de Aristóteles ou outras obras críticas antigas.<sup>70</sup>

Esse modo de leitura dos textos também não é exclusivamente antigo. Lutero, por exemplo, enfatizava “o princípio histórico e gramatical” contra a abordagem escolástica quádrupla. Essa abordagem histórica e gramatical também caracterizava Calvino e os reformadores de forma geral. Até mesmo com respeito ao método histórico-crítico, Erasmo, Lutero, Calvino e Zuínglio trataram de questões que hoje são considerações de estudo crítico. Sem o interesse renovado do Renascimento em fontes fundacionais e a produção por Erasmo de um Novo Testamento grego, é questionável se a Reforma teria acontecido.<sup>71</sup>

Dessa forma, Keener argumenta que, embora o método histórico-gramatical seja uma construção metodológica moderna, ele na verdade representa uma forma antiga de ler textos, voltada para a construção do significado, anterior à formulação científica contemporânea. Ele sugere que, ao adotar esse método, os primeiros pentecostais estavam em uma linha de continuidade entre a tradição da leitura gramatical do passado e a evolução para o futuro do *método histórico-crítico*: “Os primeiros pentecostais às vezes usavam o contexto histórico e às vezes até mesmo as línguas bíblicas — normalmente quando precisavam resolver uma dificuldade; eles “estavam interessados tanto no contexto ‘histórico-cultural’ como no ‘gramatical’ de uma passagem”.<sup>72</sup>

<sup>68</sup> WICHOFF, J. W. *Pneuma and Logos: The Role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*, pos. 91-92. (Edição Kindle).

<sup>69</sup> FEE, G. D.; STUART, D. *Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*, p. 38.

<sup>70</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 226. Edição Kindle.

<sup>71</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 228. Edição Kindle.

<sup>72</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 228. Edição Kindle.

Keener constata que ler textos em busca do sentido gramatical é a forma mais antiga de leitura conhecida. Essa abordagem, segundo ele, remonta a períodos muito anteriores ao desenvolvimento das metodologias críticas contemporâneas, sendo fundamental para a interpretação de textos ao longo da história: “O interesse pelo significado antigo não é um modo de pensar puramente modernista ou histórico-crítico. Ele é exigido pela forma dos próprios textos, uma forma reconhecida pelos intérpretes até mesmo na Antiguidade”.<sup>73</sup> Keener continua seu argumento ao afirmar que a autoridade bíblica se baseia no que as Escrituras afirmam, e não no que os leitores podem extrair delas. Ele destaca que, embora exista uma minoria que questione o fundamento do texto e sua mensagem, a maioria dos pentecostais segue essa abordagem, aplicando uma leitura que busca entender o que o texto diz de maneira objetiva e fiel ao seu significado original: “Entre pentecostais, uma minoria de estudiosos questiona o valor da busca pela intenção do autor. No entanto, buscar a intenção autoral permanece uma visão majoritária entre os estudiosos pentecostais, como seus detratores reconhecem”.<sup>74</sup> Wickoff<sup>75</sup> defende que o objetivo da interpretação deve ser descobrir o sentido original de um texto. Embora haja sempre o desejo do leitor de aplicar o texto a sua própria vida, essa busca de aplicação pessoal deve ser orientada pelo sentido original pretendido pelo autor e expresso no texto, garantindo que a interpretação permaneça fiel à intenção inicial:

Há uma segunda escola de pensamento sobre a relação do significado atual com a intenção do escritor. Nessa segunda perspectiva, tanto o entendimento original do escritor quanto o significado pretendido por Deus são considerados importantes. A interpretação bíblica começa apropriadamente com a determinação do significado original do escritor, mas depois passa a descobrir o que Deus pode querer que as Escrituras signifiquem para os leitores atuais. Hirsch escreve vinte e três páginas “em defesa do autor” contra aqueles que ignoram ou contradizem o significado originalmente pretendido pelo escritor. Daniel J. Harrington usa nove capítulos em *Interpreting the New Testament: A Practical Guide (Interpretando o Novo Testamento: Um Guia Prático)* para mostrar como descobrir “tanto quanto possível o que o texto significava para seu público original e em seu cenário histórico original”. Henry observa: “A ênfase na intenção do escritor inspirado como a chave para o significado das Escrituras tornou-se muito importante nas últimas décadas, quando os pós-bultmanianos enfatizaram, em vez disso, a contribuição criativa do intérprete para o significado.”<sup>76</sup>

É isso que William Menzies e Robert Menzies querem dizer com a ideia de que a interpretação bíblica deve ser centrada no sentido original do texto. Eles enfatizam que, embora a aplicação pessoal seja importante, ela deve ser sempre fundamentada no entendimento do significado que o autor original pretendia transmitir, respeitando a integridade e a intenção do texto, eles afirmam: “Os evangélicos tradicionais em geral insistem em que a averiguação do significado histórico de um texto é o alvo central da hermenêutica”,<sup>77</sup> quando fazem uma crítica à posição pós-moderna de T. Cargal e defendem a posição tradicional do método histórico-gramatical de

<sup>73</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 229. Edição Kindle.

<sup>74</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 242. Edição Kindle.

<sup>75</sup> Na Introdução da sua Tese de Doutorado, publicada como livro em 2010, ele procura definir o uso de alguns termos, e assim ele deixa claro que é necessário buscar o sentido original de um texto como o alvo do processo hermenêutico, ele diz: “Para entender a discussão e reconhecer a natureza da questão em pauta, o leitor deve saber como os acadêmicos costumam usar esses termos. ‘Hermenêutica’ é geralmente entendida como a arte e a ciência de interpretar e elucidar textos difíceis. Ela inclui a teoria, os métodos e os princípios do processo interpretativo. Ela começa com a descoberta do significado original do texto (exegese) e inclui a elucidação de sua mensagem (exposição) para os leitores modernos. ‘Exegese’ é o processo de extrair do texto o significado pretendido pelo autor e compreendido pelos leitores originais em sua situação histórica. ‘Exposição’ é a mensagem que é relevante para os tempos contemporâneos à luz das situações atuais e de acordo com o significado original do texto. ‘Interpretação’ pode se referir ao significado na situação histórica original quando o texto foi escrito e/ou à mensagem relevante atual do texto para os leitores modernos. O termo ‘significado’ é usado de várias maneiras no mesmo sentido geral que o termo ‘interpretação’. Os escritores costumam ser bastante vagos em seu uso desses dois últimos termos. O leitor deve tentar reconhecer, a partir do contexto, como o escritor pretende que eles sejam entendidos” (WICHOFF, J. W. *Pneuma and Logos: The Role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*, pos. 19. (Edição Kindle).

<sup>76</sup> WICHOFF, J. W. *Pneuma and Logos: The Role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*, pos. 74. Edição Kindle.

<sup>77</sup> MENZIES, W. W.; MENZIES, R. P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*, p.

interpretação das Escrituras. A análise dos pioneiros do pentecostalismo, como, p. ex., mostrará, também, que essa era a forma de interpretação dos fundadores do movimento pentecostal.

Vários teóricos da hermenêutica pentecostal tradicional têm defendido com vigor a abordagem mais clássica de interpretação, que se baseia no método histórico-gramatical para compreender as Escrituras. Como parte dessa defesa, eles também têm levantado críticas contundentes à posição da hermenêutica pentecostal pós-moderna, que será analisada a seguir, destacando as diferenças fundamentais entre essas duas abordagens interpretativas, como, p. ex., Marques,<sup>78</sup> Enyinnaya,<sup>79</sup> Smith,<sup>80</sup> Oliverio,<sup>81</sup> Stronstad,<sup>82</sup> Fee,<sup>83</sup> Keener,<sup>84</sup> Grey,<sup>85</sup> Gabaitse,<sup>86</sup> William Menzies e Robert Menzies,<sup>87</sup> Anderson,<sup>88</sup> Wilkinson,<sup>89</sup> entre outros. Embora a proposta da hermenêutica pentecostal histórico-gramatical possa ser acusada de ser fundamentalista,<sup>90</sup> esta era a postura interpretativa dos fundadores do movimento pentecostal, como, p. ex. Charles Fox Parham<sup>91</sup> e William J. Seymour<sup>92</sup>. Uma análise detalhada das questões hermenêuticas pentecostais têm sido feita por vários estudiosos do assunto, sem necessariamente defenderem uma posição mais conservadora ou pós-moderna, entretanto, analisando as várias correntes que têm surgido historicamente e fazendo uma análise do espectro de cores das

---

<sup>78</sup> MARQUES, M. Método hermenêutico histórico-gramatical e pentecostalismo, união intrínseca e necessária: uma crítica à hermenêutica pós-moderna.

<sup>79</sup> ENYINNAYA, J. Pentecostal Hermeneutics and Preaching: an Appraisal.

<sup>80</sup> SMITH, J. K. A. *The Fall of Interpretation: Philosophical Foundations for a Creational Hermeneutic*. SMITH, J. K. A. *Introducing Radical Orthodoxy: Mapping a Post-secular Theology*. SMITH, J. K. A. *Who's Afraid of Postmodernism? Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to Church*. SMITH, J. K. A. *Thinking in Tongues: Pentecostal Contributions to Christian Philosophy*. SMITH, J. K. A. *Speech and theology: Language and the Logic of Incarnation*. SMITH, J. K. A. *Cartas a um jovem calvinista*. VANHOOZER, K. J.; SMITH, J. K. A.; BENSON, B. E. *Hermeneutics at the Crossroads*. SMITH, J. K. A. *Introducing Radical Orthodoxy: Mapping a Post-secular Theology*.

<sup>81</sup> OLIVERIO Jr., L. W. *Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account*. Global Pentecostal and Charismatic Studies 12. Boston / Leiden: Brill, 2012.

<sup>82</sup> STRONSTAD, R. *Hermenêutica Pentecostal: Espírito, escritura e teologia*.

<sup>83</sup> FEE, G. D. *Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics*.

<sup>84</sup> KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Kenner escreve: "Assim, as Escrituras merecem prioridade epistêmica sobre outras declarações doutrinárias, e são o recurso ideal para verificar ou declarar falsas as suas afirmações. Na verdade, para os pentecostais a valorização da tradição pentecostal como um árbitro do significado das Escrituras é incoerente com um impulso básico na própria tradição pentecostal: a rejeição da tradição eclesiástica. Um restauracionismo norte-americano a-histórico muitas vezes moldou essa rejeição desnecessariamente extrema, mas ele certamente deve servir de advertência contra a veneração da tradição *pentecostal*" (KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, pos. 191. Edição Kindle.).

<sup>85</sup> Grey tem uma tendência de identificar a hermenêutica pentecostal mais com o literalismo: "Nesse sentido, as leituras pentecostais têm propensão a serem bíblicas; uma qualidade associado ao Fundamentalismo". GREY, J. *Three's a Crowd: Pentecostalism, Hermeneutics, and the Old Testament*.

<sup>86</sup> GABAITSE, R. M. Pentecostal Hermeneutics and the Marginalisation of Women.

<sup>87</sup> MENZIES, W. W.; MENZIES, R. P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo*.

<sup>88</sup> ANDERSON, G. L. Pentecostal Hermeneutics, Part One. ANDERSON, G. L. Pentecostal Hermeneutics, Part Two.

<sup>89</sup> WILKINSON, L. Hermeneutics and Postmodern Reaction Against "Thuth".

<sup>90</sup> Cf. sobre o fundamentalismo no âmbito da hermenêutica cristã: MEDINA, C. Fundamentalismo e hermenêutica; ZABATIERO, J. *Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar*.

<sup>91</sup> Um grande pregador pentecostal, MARTIN, L. *Charles Fox Parham: The Unlikely Father of Modern Pentecostalism*.

<sup>92</sup> HARROLF, D. *William J Seymour & His Azusa Street Sermons*. William J. Seymour. William J Seymour & His Azusa Street Sermons. ROBERTS LIARDON MINISTRIES. *The Great Azusa Street Revival: The life and sermons of William Seymour*. SINAN, V.; FOX Jr., C. R. *William Seymour: a biografia*.

propostas hermenêuticas no âmbito pentecostal, como, p. ex., Bieringer,<sup>93</sup> Frestadius,<sup>94</sup> Kim,<sup>95</sup> Kgatle e Mofokeng,<sup>96</sup> Noel,<sup>97</sup> Cunha,<sup>98</sup> Pommerening,<sup>99</sup> Stephenson,<sup>100</sup> Wik,<sup>101</sup> e Dayton.<sup>102</sup>

## Considerações finais

A hermenêutica pentecostal percorreu, desde seus primórdios, com Charles Fox Parham, no Instituto *Bethel Bible College* em Topeka, Kansas, em 1900, e William Joseph Seymour, líder da *Missão da Rua Azusa*, em Los Angeles, Califórnia, em 1906, um longo caminho, nascido, segundo Archer, no Senso Comum de Bacon,<sup>103</sup> no qual os pentecostais e o Movimento Wesleyano de Santidade, segundo Archer, “De uma perspectiva paramoderna, eles afirmaram tanto a natureza objetiva das Escrituras quanto a importância da experiência pessoal como meio de reafirmar sua inspiração sobrenatural. Assim, tanto a tradição de santidade quanto os pentecostais localizaram a obra inspiradora do Espírito Santo tanto no documento escrito do passado (a Escritura) quanto em sua experiência presente com ela”.<sup>104</sup> Os pentecostais localizaram a revelação tanto nas Escrituras quanto na experiência do Espírito, esta também em duas dimensões: uma relacionada à leitura da Bíblia e outra relacionada à vida em comunidade.<sup>105</sup>

Daí, a vertente natural da hermenêutica pentecostal foi interpretar a Bíblia a partir da gramática, não porém apenas ela, mas fortemente influenciada pela experiência. Segundo Archer, o princípio hermenêutico pentecostal foi a “método de leitura da Bíblia”,<sup>106</sup> que era uma adaptação da leitura indutiva adotada por vários grupos de Santidade. O curso interpretativo da Bíblia, resumindo a questão, veio a culminar numa interpretação mais gramaticista da Bíblia, quase excluindo a experiência ou tornando-a ilegítima no processo interpretativo, posição essa que se tornou dominante na hermenêutica pentecostal por vários anos. Isso levou a um afastamento dos primórdios do movimento pentecostal, em que a experiência pessoal fazia parte integrante do processo hermenêutico.

Como consequência, surgiu no meio pentecostal uma reação contra aquilo que os pós-modernos chamaram de “calvinização do pentecostalismo”, isto é, a interpretação da Bíblia com base exclusivamente gramaticista, sem o recurso da experiência. Os pós-modernos, no entanto, foram para o outro lado mais radical do “anti-calvinismo”, que consiste em elevar a hermenêutica a uma empresa experiencial, subjetiva, valorizando a experiência pessoal em primeiro lugar e tudo mais subordinado a ela, inclusive a própria Bíblia bem como a sua doutrina. A teologia pentecostal seria um processo de descrição de experiências, e não um estudo sistemático da Bíblia ou das suas doutrinas. Para se determinar a “teologia pentecostal” não se estuda, nessa proposta pós-moderna, as doutrinas do movimento pentecostal, mas a descrição dos relatos experienciais dos

<sup>93</sup> BIERINGER, R. et alli, (Orgs). *The Spirit, Hermeneutics, and Dialogues*. Leuven; Paris; Bristol, Peeters, 2019.

<sup>94</sup> FRESTADIUS, S. *Pentecostal Rationality: Epistemology and Theological Hermeneutics in the Foursquare Tradition*. London, T&T Clark, 2020.

<sup>95</sup> KIM, D. C. N. *The Role of the Holy Spirit in the Interpretation of the Word of God*.

<sup>96</sup> KGATLE, M. S.; MOFOKENG, T. R. Towards a decolonial hermeneutic of experience in African Pentecostal Christianity: A South African perspective.

<sup>97</sup> NOEL, B. T. *Pentecostal and Postmodern Hermeneutics: Comparisons and Contemporary Impact*.

<sup>98</sup> CUNHA, C. A. M. *Hermenêutica pentecostal e hermenêutica da libertação estudo sobre dois projetos de leitura bíblica no Brasil*.

<sup>99</sup> POMMERENING, C. I. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*.

<sup>100</sup> STEPHENSON, C. A. *Pentecostal Theology According to the Theologians: an Introduction to the Theological Methods of Pentecostal Systematic Theologians*.

<sup>101</sup> WIK, J. A. van, *Discrepancies in Textual Interpretation within Pentecostal Theology - Hermeneutic Considerations*.

<sup>102</sup> DAYTON, D. *Raízes teológicas do pentecostalismo*.

<sup>103</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 48-54.

<sup>104</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 54.

<sup>105</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 54.

<sup>106</sup> ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*, p. 55.

seus membros. É uma forma radical de adotar o princípio hermenêutico da “estética da recepção do texto” na interpretação da Bíblia e no estudo das doutrinas cristãs.

A hermenêutica pentecostal, hoje, está dividida entre esses dois grupos, os quais, conforme demonstrado no artigo, contam com numerosos e capacitados defensores, em cada um dos lados

**Não há fontes bibliográficas no documento atual.** Não se pode falar de uma (1 – numeral “um”) hermenêutica pentecostal, mas entre esses dois extremos, o da “calvinização do pentecostalismo através do método gramaticista” e o da “pós-modernidade através do método da estética da recepção do texto”, flutua uma imensidade de outras hermenêuticas, que ora aproximam-se de uma extremidade, outra da outra, além, é claro dos defensores ferrenhos das próprias extremidades. Segue em aberto o debate e as práticas hermenêuticas do pentecostalismo contemporâneo.

## Referências bibliográficas

- ALBANO, F. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paul Tillich*. São Paulo, Recriar, 2018.
- ALBANO, F.; BAADE, J. H. A espiritualidade pentecostal como presença transformadora. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56. n. 1. p. 112.
- ANDERSON, G. L. Pentecostal Hermeneutics, Part One. *Assemblies of God*. Disponível em: <https://ag.org/-/media/AGORG/Beliefs/Resources/PentecostalHermeneuticsPt1.pdf>.
- ANDERSON, G. L. Pentecostal Hermeneutics, Part Two. *Assemblies of God*. Disponível em: <https://ag.org/-/media/AGORG/Beliefs/Resources/PentecostalHermeneuticsPt2.pdf>.
- ARCHER, K. J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Tennesse, CPT Press, 2009.
- ARCHER, K. J.; OLIVERIO Jr, L. W. (Orgs), *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*. MacMillan, Palgrave, 2016.
- ARMÍNIO. Jacó. *As Obras de Armínio, Vol. 2*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BESSELAAR, J. van den. *Introdução aos estudos históricos*. 3ª Ed., São Paulo, Herder, 1968.
- BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*. Trad. M. G. Segurado. Lisboa, Edições 70, 1992.
- BRADLEY TRUMAN NOEL *Pentecostal And Postmodern Hermeneutics: Comparisons And Contemporary Impact*. UNIVERSITY OF SOUTH AFRICA. Orientador J P J THERON. Tese de Doutorado. Novembro 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/43165620>
- CAMPOS, B. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. Trad. D. M. de Oliveira. São Paulo, Recriar, 2018.
- CAMPOS, B. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. Trad. D. M. de Oliveira. São Paulo, Recriar, 2018
- CARVALHO, C. M. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: Quando a Experiência Sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- CARVALHO, C. M. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. *Revista Azusa*
- CARVALHO, C. M.; CARVALHO, C. *Teologia Sistemático-Carismática: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2022.
- CASTELO, Daniel. *Pentecostalismo: Una Tradición Cristiana Mística*. Salem Oregon: Publicaciones Kerigma, 2017.
- CHILDS, B. S. *Introduction of the Old Testament as Scripture*. Philadelphia, Fortress Press, 1979.
- CHILDS, B. S. *The New Testament as Canon: an Introduction*. Philadelphia, Fortress Press, 1984.
- CUNHA, C. A. M. *Hermenêutica pentecostal e hermenêutica da libertação estudo sobre dois projetos de leitura bíblica no Brasil*. (Dissertação de Mestrado.). Orient. J. Vitório. Belo Horizonte, FAJE, 2011.
- DAYTON, D. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Trad. P. A. Mattos. Natal, Editora Carisma, 2020.

- DANCY, J. *Epistemologia contemporânea*. Trad. T. L. Pérez. Lisboa, Edições 70, 1990.
- ECO, U. *Interpretação e super interpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 2012
- ECO, U. *Obra aberta: forma e intermediação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- ECO, U. *Os limites da interpretação*. 2ª Ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- ENYINNAYA, J. Pentecostal Hermeneutics and Preaching: an Appraisal. *Ogbomoso Journal of Theology*, vol. 13, no. 1, 2008, p. 144-153. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342870202\\_PENTECOSTAL\\_HERMENEUTICS\\_AND\\_PREACHING\\_AN\\_APPRAISAL](https://www.researchgate.net/publication/342870202_PENTECOSTAL_HERMENEUTICS_AND_PREACHING_AN_APPRAISAL)
- FEE, G. D. *Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics*. Massachusetts, Hendrickson Publishers, Inc., 1991
- FEE, G. D.; STUART, D. *Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Trad. G. Chown; J. Madureira. 3ª Ed. São Paulo, Vida Nova, 2011.
- FERRARIS, M. *Historia de la hermenêutica*. Trad. A. P. Cortés. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2005.
- GABAITSE, R. M. Pentecostal Hermeneutics and the Marginalisation of Women. *Scriptura: Journal for Biblical, Theological and Contextual Hermeneutics*. Vol 114, 2015.1, p. 1-12. DOI; <https://doi.org/10.7833/114-0-1043>. Disponível em: <https://scriptura.journals.ac.za/pub/article/view/1043/1000>
- GLÉNISSON, J. *Iniciação aos Estudos Históricos*. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1991.
- GREY, J. *Three's a Crowd: Pentecostalism, Hermeneutics, and the Old Testament*. Eugene, Pickwick Publications. 2011.
- HARROLF, D. *William J Seymour & His Azusa Street Sermons*. William J. Seymour. William J Seymour & His Azusa Street Sermons. (Locais do Kindle 2-3). Happy Joliver Publishing. Edição do Kindle.
- Harvey Cox, *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-First Century* (New York: Addison-Wesley Publishing Co., 1995), 71.
- JACOBSEN, D. G. *Thinking in the Spirit: Theologies of the Early Pentecostal Movement*. Indianapolis, Indiana University Press, 2003
- JACOBSON, D. G. *Thinking in the Spirit; the theologies of the early pentecostal moviment*. Blomington, Indiana University Press, 2003, p. 6.
- JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 7ª Ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1992.
- KÄRKKÄINEN, V-M. *Toward a Pneumatological Theology: Pentecostal and Ecumenical Perspectives on Ecclesiology, Soteriology and Theology of Mission*. Lanhan; New York; Oxford, University Press of América, 2002.
- KEENER, C. S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad. D. H. Kroker. São Paulo, Vida Nova, 2018. (Edição Kindle)
- KELIN, W. W.; BLOMBERG, C. L.; HUBBARD JUNIOR, R. L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*. Trad. M. B. S. Silva. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2017.
- KIM, D. C. N. *The Role of the Holy Spirit in the Interpretation of the Word of God*. (Tese de Doutorado. Orient. G. R. Allison. Dallas, Southern Baptist Theological Seminary, 2012. Disponível em: [https://repository.sbts.edu/bitstream/handle/10392/4104/Kim\\_sbts\\_0207D\\_10108.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repository.sbts.edu/bitstream/handle/10392/4104/Kim_sbts_0207D_10108.pdf?sequence=1&isAllowed=y). <http://hdl.handle.net/10392/4104>.

KGATLE, M. S.; MOFOKENG, T. R. Towards a decolonial hermeneutic of experience in African Pentecostal Christianity: A South African perspective. *HTS Teologiese Studies / Theological Studies*, 75(4), 2019, p. 1-9. doi:<https://doi.org/10.4102/hts.v75i4.5473>. Disponível em: <https://hts.org.za/index.php/hts/article/view/5473/13551>

Kgatle, M., & Mofokeng, T. (2019). Towards a decolonial hermeneutic of experience in African Pentecostal Christianity: A South African perspective.

MARQUES, M. Método hermenêutico histórico-gramatical e pentecostalismo, união intrínseca e necessária: uma crítica à hermenêutica pós-moderna. *Revista Bona Conscientia*, v. 2, n 1, 2019, p. 74-98.

MARTIN, L. *Charles Fox Parham: The Unlikely Father of Modern Pentecostalism*. New Kensington, Whitaker House, 2022. (LOGOS SOFTWARE).

MARTIN, L. R. (Org.). *Pentecostal Hermeneutics: a reader*. Boston, Brill, 2013.

MENZIES, G. Ecoing Hirsch: Do Readers Find or Construct Meaning? In: ARCHER, K.;

MENZIES, W. W.; MENZIES, R. P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo*. Trad. H. C. de Campos. São Paulo, Editora Vida, 2002.

NEL, M. Attempting to Define a Pentecostal Hermeneutics. *Scriptura: Journal for Biblical, Theological and Contextual Hermeneutics*, Vol 114, 2015.1, p. 1-21. Doi: <https://doi.org/10.7833/114-0-1044>. Disponível em: <https://scriptura.journals.ac.za/pub/article/view/1044/995>

NEL, M. Development of theological training and hermeneutics in Pentecostalism: a historical perspective and analysis. *Studia Hist. Ecc., Pretoria*, v. 42, n. 2, p. 191-207, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1017-04992016000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1017-04992016000200012&lng=en&nrm=iso). Access on 31 July 2024. <http://dx.doi.org/10.17159/2412-4265/2016/1322>.

NEL, M., 'Pentecostal talk about God: Attempting to speak from experience', *HTS Teologiese Studies/Theological Studies* 73(3), a4479, 2017, p. 1-8. DOI: <https://doi.org/10.4102/hts.v73i3.4479>

NEL, M., 2022, 'The Bible as a human and fallible book? Contrasting Karl Barth and classical Pentecostal hermeneutical perspectives', *In die Skriflig* 56(1), a2821. <https://doi.org/10.4102/ids.v56i1.2821> Disponível em: <https://indieskriflig.org.za/index.php/skriflig/article/view/2821/7416>

NEL, M. A Distinctive Pentecostal Hermeneutic: Possible and/or Necessary? *Acta Teologica*. Vol. 37 No. 2 (2017), p. 1-10. DOI: <https://doi.org/10.38140/at.v37i2.3336> Disponível em: <https://journals.ufs.ac.za/index.php/at/article/view/3336>

NOEL, B. T. *Pentecostal and Postmodern Hermeneutics: Comparisons and Contemporary Impact*. (Tese de Doutorado). Orientador J. P. J. Theron. South Africa, University of South Africa, 2007.

OLIVEIRA, D. M. de, A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *REVER*. v. 17 n. 2: Psicologia da Religião: Demandas e Aplicação, 2017, p. 119-140. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/34128/23469>

OLIVERIO Jr., L. W. *Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity*. New York: Palgrave Macmillan, 2016, p. 83-100.

MEDINA, M. Fundamentalismo e hermenêutica. In: CAMPOS, B. M. (Org.). *Fundamentalismo: terminologia, hermenêutica e apontamentos*. São Paulo, Recriar, 2020.

MENZIES, W.; MENZIES, R. *No poder do Espírito: fundamentos da teologia pentecostal... um chamado ao diálogo*. São Paulo: Vida, 2002.

OLIVERIO Jr., L. W. *Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account*. Global Pentecostal and Charismatic Studies 12. Boston / Leiden: Brill, 2012.

OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. D. de Oliveira; R. N. Malkomes; S. da S Saraiva. São Paulo, Vida Nova, 2009.

PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Trad. M. L. R. Ferreira. Lisboa, Edições 70, 1999.

POMMERENING, C. I. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. (Tese de Doutorado). Orient. O. Bobsin. São Leopoldo, EST, 2015.

PURDY, H. D. *A Distinct Twenty-first-Century Pentecostal Hermeneutic*. Eugene, Wipf & Stock, 2015.

ROBERTS LIARDON MINISTRIES. *The Great Azusa Street Revival: The life and sermons of William Seymour*. Sarasota, Embassy Publishing, 2014.

WADHOLM JR., R.; WILLIAMS, A. R. Sacramentally Sent: A Pentecostal Theological Reading of John 9. *Australasian Pentecostal Studies* Volume 22, Nº. 1, 2021. Disponível em: <https://aps-journal.com/index.php/APS/article/view/9568/9601>

SCHAFF, A. *História e Verdade*. Trad. M. P. Duarte. 5ª Ed., São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.

SCHMITD, L. K. *Hermenêutica*. Trad. F. Ribeiro. Petrópolis, Vozes, 2014.

SINAN, V.; FOX Jr., C. R. *William Seymour: a biografia*. Trad. J. Costa. Natal, Editora Carisma, 2017.

SMITH, J. K. A. *The Fall of Interpretation: Philosophical Foundations for a Creational Hermeneutic*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

SMITH, J. K. A. *Introducing Radical Orthodoxy: Mapping a Post-secular Theology*. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

SMITH, J. K. A. *Who's Afraid of Postmodernism? Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to Church*. Michigan, Baker academy, 2006.

SMITH, J. K. A. *Thinking in Tongues : Pentecostal Contributions to Christian Philosophy*. Michigan, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2010.

SMITH, J. K. A. *Speech and theology: Language and the Logic of Incarnation*. London; New York, Routledge, 2002.

SMITH, J. K. A. *Speech and theology: Language and the Logic of Incarnation*. London; New York, Routledge, 2002.

SMITH, J. K. A. *Cartas a um jovem calvinista*. Trad. D. Vieira et alli. Brasília, Editora Monergismo, 2014.

SMITH, J. K. A. *Introducing Radical Orthodoxy: Mapping a Post-secular Theology*. Michigan, Baker Academy, 2004.

SPAWN, K. L.; WRIGHT, A. T. (Orgs.). *Spirit and Scripture: Exploring a Pneumatic Hermeneutic*. New York, T&T Clark International, 2012.

STEPHENSON, C. A. *Pentecostal Theology According to the Theologians: an Introduction to the Theological Methods of Pentecostal Systematic Theologians*. (Tese de Doutorado). Milwaukee, Marquette University, 2009. Disponível em: [https://epublications.marquette.edu/dissertations\\_mu/9](https://epublications.marquette.edu/dissertations_mu/9)

STRONSTAD, R. *Hermenêutica Pentecostal: Espírito, Escritura e teologia*. Trad. M. Bezerra. Natal, Editora Carisma, 2020.

TERRA, K. Pentecostalismo e Método Gramatical-Histórico: Vamos com Calma... Disponível em: <http://kennerterra.blogspot.com/2019/03/pentecostalismo-e-metodogramatical.html>.

TERRA, K.; SIQUEIRA, G. *Autoridade Bíblia e experiência no espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2020.

THISSELTON, A. C. *New Horizons in Hermeneutics*. Grand Rapids, Zondervan Publishinh House, 1992.

TODOROV, T. *Simbolismo e interpretação*. Trad. M. de Santa Cruz. Lisboa, Edições 70, 1980.

VANHOOZER, K. *Há um significado neste texto? interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo, Vida, 2005

VANHOOZER, K. J.; SMITH, J. K. A.; BENSON, B. E. *Hermeneutics at the Crossroads*. Bloomington; Indianapolis, Indiana University Press, 2006

WALL, R. W.; LEMCIO, E. E. *The New Testament as Canon: a Reader in Canonical Criticism*. Sheffield, JSOT Press, 1992.

WALL, R. W. *Studies in Canonical Criticism: Reading the New Testament as Scripture*. New York, T & T Clark, 2020.

WARFIELD, B. *A inspiração e autoridade da Bíblia*. Trad. M. J. P. Menga. São Paulo, Cultura Cristã, 2010.

WICHOFF, J. W. *Pneuma and Logos: The Role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*. Eugene, WIPF & STCK, 2010. (Edição Kindle).

WIK, J. A. van, *Discrepancies in Textual Interpretation within Pentecostal Theology - Hermeneutic Considerations*. (Dissertação de Mestrado). Orient. D. Valdsman. South Africa, University of South Africa, 2002.

WILKINSON, L. Hermeneutics and Postmodern Reaction Against "Truth". In: DYCK, E. (Ed.) *The Act of Bible Reading: A Multidisciplinary Approach to Biblical Interpretation*. Illinois, InverVarsit Press, 1996. Disponível para leitura em: <https://archive.org/details/actofbibleadin0000unse/page/n3/mode/2up?view=theater>

YOUN, A. *A Hermeneutical Spirit; Theological Interpretation and Scriptural imagination for the 21st Century*. Oregon, Cascade Books, 2017.

YONG, A. *The Dialogical Spirit: Christian Reason and Theological Method in the Third Millennium*. Cambridge, James Clarke & Co, 2015

ZABATIERO, J. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. In: ZABATIERO, J.; ADRIANO FILHO, J.; SANCHEZ, S. *Para uma hermenêutica bíblica*. São Paulo, Fonte Editorial; Faculdade Unida, 2011.

---

**Editor responsável:** Waldir Souza

RECEBIDO: 27/02/2025  
APROVADO: 16/04/2025  
PUBLICADO: 30/04/2025

RECEIVED: 02/27/2025  
APPROVED: 04/16/2025  
PUBLISHED: 04/30/2025